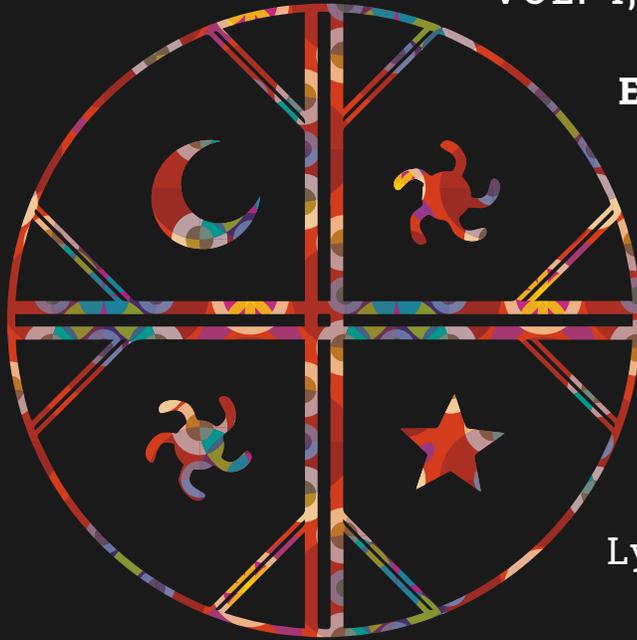


VOL. 4
Nº1, ABRIL DE 2022
ISSN 2763-5066



LUTAS INDÍGENAS NA AMÉRICA LATINA

VOL. 4, N°1, ABRIL DE 2022



Equipe de Direção e Edição

Iván Ulloa Bustinza

Fabio Salvatti

Miguel Ahumada Cristi

Eduardo Fava Rubio

Angelene Lazzareti

Diego Chozas Ruiz Belloso

Lyda Medina Capera

Projeto Gráfico e Diagramação

Rony Rivadeneira Vásquez

BOLETIM KULTRUN é um espaço de divulgação de expressões culturais focalizadas nas Artes e nas Letras. Adotando um caráter inclusivo e democrático, o Boletim está aberto para que qualquer pessoa, de qualquer lugar, principalmente da América Latina e do Caribe, possa ter acesso e/ou participar com colaborações. A edição do Boletim é bilíngue, visto que inclui as duas línguas mais comuns da UNILA –e da América–, o espanhol e o português, mas são extremamente valorizadas outras línguas, em especial as indígenas e de origem africano.

EDITORIAL

É com muita alegria que apresentamos mais uma edição do Boletim Kultrun para a comunidade da UNILA e para nossas leitoras e leitores espalhados pelo mundo.

Esta primera edición del 2022 presenta discursos y expresiones literarias inspiradas en movimientos y luchas indígenas en América Latina. Las colaboraciones abarcan las temáticas “Educación Intercultural Bilingüe” y la “Articulación Nacional de Mujeres Indígenas Guerreras de la Ancestralidad”. En el arte, se presenta la exposición fotográfica “Arandu Guataha: o caminho da sabedoria Avá-guarani” –del proyecto de UNILA, “Educomunicação e Cultura Guarani”– en la “20ª Semana Cultural Indígena na Escola Estadual Indígena Teko Ñemoingo, Comunidade Indígena Avá-Guarani Tekohá Ocoy, São Miguel do Iguaçu”. En las letras, se presentan dos narrativas inspiradas en nuestros pueblos originarios: “El cóndor y el ritual de desembrujo” y “Un quinde andino y la perseverancia”.

Esperamos que el lector y lectora de Kultrun disfrute de este nuevo número.

EQUIPE DE DIREÇÃO E EDIÇÃO



SUMÁRIO

	Pág.
Arandu Guataha: o caminho da sabedoria Avá-guarani, _ _ _ _ _	5
por Laura Fortes	
“El cóndor y el ritual de desembrujo” _ _ _ _ _	9
“Un quinde andino y la perseverancia” _ _ _ _ _	16
por Hilder Alberca	
Educación Intercultural Bilingüe em América Latina, _ _ _ _ _	25
por Iván Ulloa Bustinza	
Qual é a importância de se preservar um idioma? UNILA entrevista ao professor de Língua e Cultura Guarani, Mario Ramão Villalva Filho _ _ _ _ _	37
Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA) como forma de resistência e re-existência, _ _ _ _ _	39
por Joselaine da Silva Pereira	



Exposição fotográfica Arandu Guataha: o caminho da sabedoria Avá-guarani

O projeto de extensão universitária da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) Educomunicação e Cultura Guarani - Avañe'ẽ Myasãimbo'e rembiapo participou da 20ª Semana Cultural Indígena na Escola Estadual Indígena Teko Ñemoingo, Comunidade Indígena Avá-Guarani Tekohá Ocoy, São Miguel do Iguazu, de 26 a 29 de abril de 2022, com a exposição fotográfica Arandu Guataha: o caminho da sabedoria Avá-guarani.

A exposição foi composta a partir da seleção de materiais fotográficos produzidos pelas crianças e juventude Avá-guarani das aldeias indígenas no oeste do Paraná (Tekoha Ocoi, Tekoha Añetete e Tekoha Itamarã) entre 2019 e 2022 durante as oficinas educativas do projeto “Educom Guarani”.

Considerando o principal objetivo do projeto, que tem sido a construção do protagonismo e da mediação cultural guarani para povos não-indígenas, a exposição buscou compartilhar a realidade do modo de vida (teko porã) do povo Avá-guarani, em seu caminho de luta e resistência como povo originário que vive há mais de 5000 anos nesse território. Assim, os temas e legendas da exposição foram os seguintes:

1. Tekoha (teko: modo de vida + ha: espaço)

Aldeias indígenas Tekoha Ocoi, Tekoha Añetete e Tekoha Itamarã.

2. Arandu (sabedoria)

A cultura, as tradições e a sabedoria guarani são passadas dos mais velhos para os mais novos.

3. Andu/Pytu (sentido, espiritualidade)

A espiritualidade guarani está em toda a sua forma de sentir e vivenciar o mundo. Seus simbolismos, como o artesanato e a pintura, possuem forte sentido espiritual. E os cânticos, danças e tradições realizados na opy (casa de reza) são formas de conectar-se com Nanderu (Deus).

¹Os temas da exposição foram definidos pela equipe do projeto Educom e, posteriormente, redigidos pela colaboradora do projeto Camila Lazzarini, discente do PPG-ICAL/UNILA, com o apoio do orientador e coordenador adjunto do projeto, Prof. Mário Ramão Villalva Filho.

4. Guata (caminhar, da criança e da migração (porã))

Durante o viver guarani, o caminho e seu caminhar ensinam sabedorias necessárias para a vida.

5. Ñevanga (brincar)

Os aprendizados guarani ocorrem no dia-a-dia por meio do brincar.

6. Kunã (mulher)

As mulheres são responsáveis pela continuidade da vida guarani, desde a gestação, amamentação e primeiros ensinamentos às crianças, até alcançarem certa idade e serem de responsabilidade coletiva.

7 Mitã (criança)

Hoje em dia as crianças guarani recebem nomes em português e em guarani. O nome guarani é realizado por meio de ñemongarai (batismo), onde o xamoi passa a palavra, o sentido guarani, de Ñanderu (Deus) à criança.

8. Pyahu (juventude)

O jovem guarani é iniciado em todos os ensinamentos da cultura, acompanhando os xamoi, cacique e professores guarani para tornar-se um adulto preparado para viver o modo de vida guarani na atualidade.

9. Mbarete (resistência, forças espiritual e coletiva)

O povo se organiza em encontros locais e regionais, conversando e propondo como prosseguir na luta por terra e melhores condições para a vida.

10. Avañe'e Myamsaimbo'e (Educom Guarani)

O projeto Educom Guarani, composto por integrantes indígenas e não-indígenas, realiza oficinas educacionais de rádio, fotografia e vídeo nas aldeias e dissemina essas produções artístico-culturais para os não-indígenas.

www.educomguarani.com

Apresentamos, a seguir, alguns registros fotográficos feitos por participantes da equipe do Projeto Educom Guarani durante a montagem da exposição, bem como no decorrer do evento, a fim de compartilhar nossas experiências ao percorrer o Arandu Guataha: o caminho da sabedoria Avá-guarani.

**Há'evete!
Aguyjevete!**

Equipe do Projeto Educom Guarani

Foto da recepção da 20ª Semana Cultural Indígena na Escola Estadual Indígena Teko Nemoingo, Comunidade Indígena Avá-Guarani Tekohá Ocoy, São Miguel do Iguazu (26 a 29 de abril de 2022)



Fotos da montagem da exposição fotográfica Arandu Guataha: o caminho da sabedoria Avá-guarani (25 de abril de 2022)



Fotos da exposição fotográfica Arandu Guataha: o caminho da sabedoria Avá-guarani (26 a 29 de abril de 2022)



EL CÓNDOR Y EL RITUAL DE DESEMBRUJO



Hilder Alberca: escritor Andino Indígena de la provincia de Huancabamba, Piura, Perú. Licenciado en Política y Sociología por la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (CPS/ILAES/UNILA). Cursa la maestría en Planificación Urbana y Regional (IPPUR), Universidad Federal de Rio de Janeiro (UFRJ). Colaborador de las revistas electrónicas Ola Política (Colombia) y Sociotramas (Ecuador). Investigador del Laboratorio de Estado, Trabajo, Territorio y Naturaleza (ETTERN/IPPUR/UFRJ).
Correo. hav.politica@gmail.com
Celular. +5545998515566

“Vamos floreciendo y encantando a la alienación cultural capitalista que nos rodea. Vamos desencantando el embrujo del consumismo. Con mis buenos tabacos, floridas luminosas, vamos embrujándonos, pero del respeto y el cuidado entre iguales. Desembrujémonos del racismo de la Colonialidad del poder histórico que todavía cargamos a por montón”.

Rufino Pariacaca. Cierto día de un verano, en una Luna llena, la Yanacona o matriarca de la Tierra Andina Indígena conversaba en su fogón junto a sus hijos, hijas e invitados de otras culturas cercanas como iban a ser su cultura y sus pueblos dado que otra cultura extraña ya rondaba sus territorios.

Yanacona. ¡Hijos e hijas, tenemos que organizarnos para ver cómo hacer frente a las mudanzas culturales de nuestros pueblos! Lo que viene para la vida indígena no es simple de responder.

Indígena Guaraní. ¡Sí, ya somos felices en nuestra plenitud, nosotros no hemos invitado a nadie a nuestra casa!

Indígena Andino. Estimado hermano Guaraní, concuerdo con sus palabras, que la tierra es nuestra, pero a estas culturas no les interesa eso. Les interesa someter, esclavizar y colonizar, su sentido sobre la tierra es la propiedad privada.

Indígena Guaraní. Eso sí es verdad. Dicen que ya van matando millones de nuestros hermanos y hermanas en otros pueblos.

» ¡Vamos a prepararnos para dar batalla dado que no somos pueblos mansos o quietos!

Yanacona. Entonces mis visiones de la Huachuma y las Estrellas del cielo me dicen que luego, la descendencia que representan nuestras culturas estará sometida por otras gentes, como la Modernidad, Colonialidad, Capitalismo, y su forma central será el Estado Nación.

Rufino Pariacaca. El marido de la Yanacona, que era un gran curandero, también de nombre Apu Andino, estaba muy atento a la conversación entre la Yanacona y sus hijos e hijas. La noche era espectacular, y todos los invitados en el fogón comían carnes, pescados, yucas frescas, papas sancochadas, y compartían chicha de maíz, y otros tragos exóticos como el masato.

El Apu. ¡Escuchen, amigos presentes, deben conocer a nuestro amigo! ¡Chasqui caminante, él nos tiene más información fresquita!

» Sí no lo conocen se lo presento: el Chasqui es el atleta que recorre todos los caminos de Qhapaq Nan en todo el Tawantinsuyo, y nos advierte que ya han llegado unos desconocidos por mar al norte del pacífico y vienen en dirección hacia nosotros.

» ¡Tenemos que prepararnos!

Chasqui. Así es, mis hermanos Ayllus, Guaraníes, Andinos, Quechuas, Aymaras, tienen que prepararse, seguro ya luego llegan por aquí. El enemigo de la Modernidad, Colonialidad y el Capitalismo dicen que no son nada amistosos, ¡atentos!

Indígena Guaraní. ¡Gracias por la información, hermano Chasqui!. Por este lado del Atlántico también tenemos que prepararnos. Nuestra informante la Capivara nos exalta a ir preparándonos, dado que ya han llegado extraños a nuestras tierras.

La Capivara. ¡Gracias por pronunciarte, hermano Guaraní!

» Sí los hombres blancos dicen llamarse portugueses, ya vienen con dirección a nuestras tierras, y no son nada pacíficos. A pueblos enteros los vienen quemando, matando, y sometiendo para ser sus informantes.

Yanacona. ¡Así es mis hijos e hijas, cuidar de la Oralidad es nuestra base y arma más letal que los enemigos no podrán exterminar!

El Apu. A comer, bailar, y seguir escuchando a los bosques, nuestros hermanos y familia, para juntos luchar contra los invasores de la vida cotidiana es un deber como pueblos indígenas dado que se lo debemos a la madre tierra y a nuestras generaciones que lucharon por dejarnos este presente del futuro.

Rufino Pariacaca. Desde 1492 llegaría la imagen del desprecio, el genocidio, violaciones, eliminación de toda forma religiosa indígena, creencias, y sobre todo eliminaban a todo Amauta de cada pueblo. Se hace presente el apagamiento del Otro, y se hace la historia del que se cree tiene la iluminación de la Razón y la única verdad.

La Modernidad. ¡Hola, pueblos no civilizados, soy la hija de Occidente, y por lo tanto quiero que se vayan acostumbrando a nuestra lengua, a las buenas o las malas, no tienen alternativa, pueblos ignorantes! Por lo tanto, somos lo nuevo y lo nuevo se sobrepone a lo arcaico, lo antiguo, o sea, su cultura es arcaica y no sirve.

El Ayllu. ¡Hola, Modernidad genocida! ¡Ese debería ser tu apellido!

» En primer lugar, ¿quién los invitó a nuestra cocina, o nuestra casa?

» ¡Aquí estábamos completos! No teníamos los problemas que tenemos con ustedes ahora. Todo es confusión, alienación cultural.

Los Guaraníes. Claro que sí, taita Ayllu, estamos muy mal con la Modernidad y su familia. Nadie los invitó a que vengan a nuestros territorios, y nos maten, y para el colmo nos tratan como mendigos, nos han robado la tierra, eliminan los bosques por su avaricia, y se llevan todos los recursos minerales, se hacen ricos y nosotros seguimos en miserias.

Español. Pero qué estáis hablando culturas inferiores, que no veis que nuestros mejores filósofos, Descartes, Kant, Hegel decían que vuestros pueblos, llamados tierra de la Yanacona del Sur, eran pueblos miserables, flacos, y sobre todo son una especie de seres inmaduros.

» Acaso ya os olvidasteis de esos pueblos inferiores, que aman la Modernidad.

Portugués. Diles más hermano español, luego nos seguimos repartiendo las tierras de los indios Guaranés.

» Estos pueblos del Sur Andino Indígena deberían de agradecernos por hacerlos ver iluminados, civilizados, sobre todo y primordial darles el alma, y hacer que conozcan el espíritu que les falta, para que salgan de las tinieblas.

El Apu. Tan solo escuchando sus falaces palabras sobre los pueblos originarios, ya me da cosquillas no sabe dónde, ya imagínese señor español y portugués.

“En primer lugar, la razón es nata de todo ser humano, por lo tanto, todo ser humano donde sea que se encuentre este la carga como un complemento en su ser. Entonces es falso que nos dieron la Razón y también que nos hayan dado la luz para entender nuestro cotidiano”.

» Sobre si nos regalaron el alma, es pura creación e invento de su cultura y su religión. Nosotros aquí ya teníamos entendido que existía otro mundo fuera de los vivos, por eso alistamos a nuestros muertos con comida y su trago, y todavía hasta acompañados nos vamos de aquí.

El Quinde de Huancabamba. Diles más Apu, quién te va a engañar, por algo también lees a los occidentales.

Chasqui. No te dejes Apu, no te dejes.

La Capivara. Aquí estamos apoyando Apu, usted mismo es, luego intervengo.

El Cóndor. Por ello, señores y señoras familias de la Modernidad, toda cultura hace su propia cultura en diálogo con otras culturas. Aquí no existe el ego cerrado o individualista. No se nos puede ver como culturas homogéneas, eso no existe en nuestros territorios dado que ahí debajo viven otras subculturas.

“Nuestros territorios son vividos y concretos y dialogamos con los muertos, en el pasado y el presente”.

» Sobre si no tenemos una forma original de hacer filosofía, tengo mis dudas y discrepancias, dado que donde hay un ser humano, ahí está la razón, y por lo tanto es de imaginarse que se hace una interpretación profunda y concreta de la vida en la práctica, a eso se llamaría de un lado de la llamada filosofía o amor por la sabiduría.

"No confundir pensamiento teórico, con una idea concreta sobre el pensamiento en sentido de epistemología. Es fácil repetir y reproducir, pero es difícil buscar lo nuevo o renovar las cosas. Somos conscientes de que la alienación cultural nos ha bloqueado, desde su llegada, señora Modernidad, eso es seguro, pero aquí estamos los que quedamos intentando avanzar la obra desde donde se quedó".

La Colonialidad. ¿Qué está pasando aquí con estos pueblos no modernos, incivilizados y de tercer mundo?

» ¿Quién les ha ordenado abrir su boca a estos indígenas que se hacen llamar de originarios, aborígenes, nativos, si no son nadie sin nosotros?

» Como resalta mi hermana la Modernidad, les trajimos mucha paz a sus vidas, por fin conocieron al Dios Cristiano, porque sus Dioses y sus creencias son oscuras de las tinieblas. Agradézcan, pueblos inferiores, que les hemos traído luz.

Rufino Pariacaca. La charla se ponía cada vez más cruda e intensa, mas también es importante anotar que el encuentro se dio en la tierra o hacienda del "Santo de la Orqueta".

El Genocidio Moderno. ¡Díganles más, mamá Modernidad y Tía Colonialidad, estos pueblos de inferiores tienen que respetarnos y saber quién manda aquí!

La Capivara. ¡Mira, Genocidio Moderno, síntoma maldito de la tierra del mundo, sobre todo de los pueblos nuestros, los aborígenes! ¡Quédate callado, que tú no tienes invitación a esta fiesta!

» Te tenemos en la mira, cállate, y vete de aquí con tus malas mañas.

El Capitalismo. ¡Opa, opa, opa, opa cumpitas!

» ¿Qué no piensan invitarme a esta reunión entre civilizados e incivilizados, si yo soy la estrella de la desgracia?

La Modernidad. Llega, hermano Capitalismo. Llega, que hay mucho territorio por destruir, y sobre todo continuar sometiendo a los territorios indígenas.

El Capitalismo. Entonces, no entiendo, ¿por qué nos critican estos pueblos, si les trajimos la felicidad de la superexplotación del trabajo, nos robamos sus recursos naturales, nos apropiamos de sus tierras y ahora mi hija la Propiedad Privada es la dueña de todo.

» Les trajimos la cultura del hambre, el individualismo, la envidia, la codicia aumentó, por amor del Dios Cristiano, ¿qué más quieren los pueblos del Sur?

El Cóndor. A decir verdad, Capitalismo, estás hablando piedras, y vomitando solo palabras superfluas. Tú eres como el Murciélago que se chupa la sangre de la humanidad, y tu virus, el hambre, y la pobreza son tus hijas.

» Usted y su familia la Modernidad, Colonialidad, no han traído más que otra cosa: destrucción, desequilibrio, guerras, invasiones de territorios, mudanzas de lenguas y su exterminio. O ya se le olvidó, señor capitalismo, que usted trajo las pestes de las migraciones forzadas del campo a la ciudad. Su llamado trabajo en las ciudades inventó la Urbanidad, otra enfermedad de su creación innovadora que ahora sufre la sociedad.

“¡Ya se olvidó de cómo la modernidad oprime y mata al que no sigue su lógica! Solo mirar un caso particular: Foz de Iguazú e ITAIPÚ, y los pueblos indígenas”.

El Capitalismo. A ver, Cóndor Andino, me estás saliendo respondón. No me insulte que soy un modelo de la humanidad, y el mundo de los ricos me ama. Decir que soy malo para la humanidad es blasfemia.

» ¿Acaso no les damos trabajo a sus pueblos, les llevamos aviones, carros, ropas, producimos comida por cantidad, inventamos el trabajo forzado y mal pagado? ¿Qué más quieren?

» ¡No olviden que es el Capitalismo el que da trabajo a tanto desempleado! ¡Agradezcan!

» ¿Y por qué me crítica? ¿Acaso usted, Dios Cóndor de los Andes, no come de mis inventos? Y sobre todo, ¿no está escribiendo esta denuncia con una computadora hecha por mí y mis trabajadores?

Yanacona. Respondes tú, hijo Cóndor, o respondo yo.

Cóndor. No, mamá Tierra, tú observa nomás cómo tus hijos los amautas se dan una pichanguita con la gente Lengua Larga de los Modernos y Capitalistas.

El Capitalismo. Ahora pues, que me vas a poder responder, Cóndor, mejor ve a dar tu vuelta por Huancabamba.

» Eres un indígena andino don nadie, analfabeto, incivilizado.

Rufino Pariacaca. Las cosas se ponían muy candentes, cada vez más. El público aumentaba a escuchar el debate en la Hacienda el Santo de la Orqueta. El señor Capitalismo se ofusco con el Cóndor, pero como se hacía de noche tenían que ir terminando el contrapunto de ideas.

El Cóndor. Antes de irme a dar mis rondas por las nubes, estimado Capitalismo, por si no sabías, yo soy un Dios Vivo que se puede ver y que doy alegrías y jolgorios a mis culturas, a las que represento.

“¡No voy a pisar el palito de ir al insulto! ¡Los pueblos indígenas antes de su llegada ya teníamos el respeto, complemento y la ética del cuidado de por medio! ¡Éramos pueblos sabios y elocuentes, y lo seguimos siendo!”

» Usted me dice que ha inventado el trabajo mal pagado. Cierío, ustedes lo invitaron y sigue vigente hasta el día de hoy.

“Señala, estimado capitalista, que escribo desde una computadora y visto ropas que sus trabajadores producen; cierto que escribo desde una computadora construida y realizada por trabajadores, pero ellos no son sus trabajadores. Sobre todo hay algunos detalles a esclarecer cuando un Capitalista te diga lo mismo: estimado capitalismo, usted inventó la compra de fuerza de trabajo, sí es cierto, pero usted, Capitalista, no da trabajo, compra fuerza de trabajo. Por lo tanto, si ahora uso ropa, una computadora, uso luz, internet, este servicio no es gratis, se lo tenemos que pagar, aquí no hay nada gratis. Al estigmatizado, al Otro, no se le regala nada desde el Capitalismo”.

El Gorrión Soltero. Eso, Cóndor, enseña que los pueblos Andinos e Indígenas no son unos caídos de la cama al suelo. Que les gusta también leer, y comerse los libros de los occidentales para saber debatir en cualquier hora y momento.

Paloma Torcaza. Sí, hermano Cóndor, tú puedes.

Sucurí o Anaconda. No te olvides amigo Cóndor, de decir que respeten a nuestro hábitat de la Amazonia. Que los hijos e hijas de la mala vida del Capitalismo, el Neo Extractivismo del petróleo, el oro, la plata, son alguien, pero por nuestras riquezas, y que sin ellas el señor Capitalismo no es nada.

El Cóndor. Gracias por el apoyo, hermanas y hermanos, pero ya es la hora de ir a visitar mis sembrados de Ocas, Ollucos y Papas, a Botonal así que vamos culminando esta charla.

» Señor Capitalismo, nos quedamos por aquí, pero antes de irme quiero decirle que tanto la Modernidad como la Colonialidad sin nuestros pueblos no existirían, y que por nosotros ustedes sobreviven junto a sus modos culturales.

La Alienación. He escuchado atenta, pero yo soy la reina de la mentira y la ilusión de la vida de la humanidad de los pueblos del Sur. No pueden olvidarse de mi poder para otro debate. Me mandan un mensajito por interno.

El Cóndor. ¡Bueno, Capitalismo, Modernidad, Colonialidad, Alienación, Consumismo, Explotación del Trabajo, ya les respondí un poquito, otro día seguimos, ¡pero más tempranito, por vida suya, oigan!

Colonialidad. Listo, Cóndor respondón, seguro nos vemos otro día.

“¡Yo les advertí para no darles estudio a esos inmigrantes, los Indígenas Unileros! ¡Ahora ya van conociendo nuestras debilidades y mentiras! Mas son atrevidos, nos dicen en nuestra cara la verdad de quienes somos, achichin, ¡achichin! “

La Modernidad. Isss, isss, hermana Colonialidad, habla despacito que nos escuchan el resto de Unileros y pueblos Indígenas, y se nos van a seguir revelando.

Halcón del Desierto o Sertón. Yo ya las escuché hablando, Colonialidad y Modernidad. ¡Acaso no saben que los pueblos del Sur Andino Indígena Plurinacional somos ojos espaciosos y oído de trueno!

» ¡Sigán ahí con su familia el Neoliberalismo haciendo sus planes, que aquí los estamos observando, muy de cerca y les seguiremos dando la cara!

La Yanacona. Así es, hijos e hijas, tenemos que continuar en la unidad, cuidar nuestras costumbres, y sobre todo cuidarme a mí, que soy la tierra.

“Luchen por mí y sus tíos los ríos de agua dulce, sus abuelos los nevados, sus otras familias las lagunas, y cuiden a sus integrantes complementarios: las especies de flora y fauna de la naturaleza”.

El Indígena Guaraní. ¡Sí!, madre Yanacona, el Capitalismo y sus integrantes son un enemigo directo, no podemos dar tregua, especie de mal en este mundo que nos tocó, pero nada nos detendrá en seguir luchando por nuestras reivindicaciones, libertad, y justicia para nuestros territorios.

La Capivara. ¡Nos vemos, taitas, nos vemos! Ya se me hace tarde, me voy a refrescarme en las aguas del Río del Paraná. Si veo algún capitalista por ahí ya informo.

Paloma Torcaza. No se olviden que los problemas no solo son problemas, o barreras en la vida de los pueblos indígenas. También los problemas enseñan a buscar soluciones y reforzar los repertorios de lucha contra el Capitalismo y su familia.

Rufino Pariacaca. De esta manera, en una tarde de invierno, en un territorio de nombre Río de Janeiro, se culminó de narrar esta historia por la fuerza de la Oralidad indígena.

“El Ritual de desembrujado del Cóndor Andino es seguir teniendo en cuenta que nada está dicho todavía, no hay fines de historias, y sobre todo que la consigna es seguir ejerciendo y practicando una vida de alteridades libres, por más de ser etiquetados como inferiores, o pueblos en desarrollo. El desembrujado es justamente no creer en las falacias del Progreso dichas por el Capitalismo. Las alternativas de potencia tienen que salir de nuestros lugares vividos. Es importante para un Capivara saber reconocer que creamos nuestra propia cultura e identidad y al mismo tiempo producimos filosofía. Ser antioccidentales no es negar quienes ellos son, es conocerlos, para leer nuestros problemas y crear teorías como alteridades –Otros libres–, nosotros el Sur. Entonces, desembrujado es descolonizar el saber dominante, y volvernos a embrujar, pero de lo nuestro. Eso ya ayuda a la originalidad en tiempos de pesimismo”.

» ¡Nos vemos pronto embrujados y desembrujados!

UN QUINDE ANDINO Y LA PERSEVERANCIA

“La vida es un camino arduo, con entradas y salidas. La vida en los Andes es como las montañas, tiene de todo, así como su geografía que la cubre. La vida del indígena Andino es como su territorio, es vivido y caminado. Sus rastros siempre están allí, mostrando sus huellas, sus pisadas en tierra firme arcillosa para que sus caminantes no se pierdan en el afán de las riquezas materiales”.

Vicuña. En esta historia-cuento seré su narradora, así que les pido atención a mis iguales, que la Oralidad indígena es un arte vivo y concreto, por ello requiere respeto, tolerancia y empatía.

Alpaca. ¡Sí, por supuesto que estamos atentos, amiga Vicuña!

» ¡Vamos que vamos, no te desanimes, cuenta esa historia!

Vicuña. Algunas personas que no son nada amistosas dicen que ser un emigrante que llega a estudiar al Brasil, en especial a Foz de Iguazú, en la UNILA, es sencillo. Quiero contarles una historia verdadera de un grupo de desconocidos que van caminando como las aguas de los ríos y en el camino se van haciendo de a poco.

El Gavilán. No hagas caso, Vicuña. Cuenta nada más.

Vicuña. En enero del 2017 un Quinde estaba preocupado cómo llegar a estudiar a la UNILA desde Perú y por eso tuvo que hacer algunos esfuerzos.

Quinde Andino. Y ahora qué hago. Me falta la plata. Ya ingresé a la UNILA, pero no tengo los medios para movilizarme. Me piden visa, pasaporte, hacer apostillar documentos en la capital, y ahora qué hago, no sé hacer eso, y ni conocidos tengo en Lima.

Gorrión Soltero. Habla cumpita Quinde, qué novedades. Te noto triste. Mejor te dedico unas palabras para animarte.

“La Luna muchas veces nos ha dicho lloren y lloren, mas también debemos soltar carcajadas largas y carcajadas cortas, incluso en tiempos de pesimismo se sonrío”.

Quinde Andino. Me voy al Brasil hermano, postulé a una vacante de estudios y dio cierto. Ahora el detalle es cómo hago los tramites y lo que falta.

Gorrión Soltero. Pucha, cumpita, mas yo ni trabajo tengo para darte algo, pero, aunque sea con la moral te ayudo.

» ¡Cumpa Quinde no te desanimes, deja lo que estás estudiando acá, vaya lejos, hermano, usted es un pájaro volador!

Vicuña. Los días pasaban y el Quinde tuvo que decidirse, entre seguir estudiando Derecho, dejar lo que se venía construyendo, o tomar la actitud de salir volando a otros campos lejanos.

El Desgano. ¡Estimado amigo Quinde no te vayas lejos, mejor sigamos por aquí, tomando nuestra chicha de jora, comiendo el rico ceviche, jugando tejas!

Perseverancia. Está en tus manos el camino, amigo Quinde, la oportunidad de intentar conocer otros nidos y pajaritos y pajaritas. Recuerda que las oportunidades son como cola de Cachul con acebado. La oportunidad está en tus manos, eres el que decide si la aceptas o la rechazas.

La Vicuña. El Quinde Andino, luego de consultar a sus amistades los Desganos y la Perseverancia, decidió por hacer caso a su amiga la Perseverancia.

Quinde Andino. Mamá, buenos días, papá, buenos días, me salió una oportunidad de irme a estudiar lejos de mi nido y para lograrlo tengo que dejar de hacer algunas cosas que estaba haciendo, ponerme a trabajar duro estos meses que faltan para lograr realizar trámites y los documentos necesarios.

Nube Blanca. ¡Ya hijito, ya eres grande! Usted sabe que es lo mejor para usted, de mi parte tiene mi bendición. No olvide las palabras de una madre a su hijo o hija:

“Una madre sufre en silencio mismo sabiendo ya las penumbras e incertezas de un hijo o hija caminante. No olvide todo inmigrante llevar consigo un poncho lleno de esperanza, y cuando se esté en verano pedir al cielo y a la madre tierra que nos mande un aguacero de renovada esperanza para seguir”.

Quinde Andino. ¡Gracias por tus palabras, madre! ¡Las recordaré!

Rayo de Botonal. ¡Ay, hijito! No te vayas tan lejos, ya te falta poquito para que te gradúes de abogado, pero ¡aquí voy a seguir apoyándote!

» ¿Qué necesidad hay de irte tan lejos?

» Pero si te quieres ir hijo, al final te doy la buena bendición, vaya a donde sus pasos lo llevan.

» Entonces para ayudarte, vendemos un terreno para que te vayas.

Quinde Andino. ¡No!, papá, no vas a vender nada, voy a convertirme en un pulpo que tiene muchos brazos para trabajar y reunir lo que necesito para el viaje.

» Hermanas, hermanos, voy a dejar el terno, la corbata, los zapatos de vestir, y como me falta la plata, me voy a trabajar con unos vecinos a las empresas de la Uva.

Rosa. ¿Qué te vas a ir? Solo viéndote. ¡Te mueres de vergüenza!

» En la Uva trabaja mucha gente que te conoce, incluso los has ayudado en juicios, solo viéndolo hermano, en fin, tú mismo eres, luego hablamos.

Quinde Andino. ¡Sí, ya coordiné! Tempranito me levanto para hacer mi almuerzo y me voy a trabajar a la Uva.

Vicuña. Al día siguiente, el Quinde y otros pájaros se fueron a trabajar a la Uva. Ya en las plantaciones se fue encontrando con muchos clientes y conocidos.

“Muchos se burlaban del Quinde dado que lo veían con su terno, en las comisarías, por los juzgados, junto al estudio de abogados para los cuales trabajaba, ayudando a la lucha de las Rondas en contra de la minería. Pero el Quinde tenía una misión, un objetivo, llegar al Brasil, a la UNILA, y nada le impediría no lograrlo. No importó cuántas veces sus iguales del Quinde lo desanimaron, hasta se reían de su decisión, que fue salir de su nido. El Quinde sabía que la forma de ayudar a su pueblo y mostrar su cultura y su identidad, los problemas con la minería era saliendo, y volar como el Cóndor sin tener miedo a las alturas y los fríos de la soledad”.

Paloma Blanca. Hermanito, te estas yendo a estudiar me dicen. Vente para la casa para darte alguna cosita para tu viaje, no será mucho, pero de algo te ayudará.

Vicuña. El Quinde reunió todo tipo de solidaridad de sus amigos los pajaritos que lo conocían con mucho cariño. Se negó a vender un terreno que su papá le ofrecía. Se puso a tramitar sus documentos, día tras día desde los meses de agosto, septiembre, octubre, noviembre, con trabajo duro; y, como ahora era un pulpo con muchos brazos, trabajaba en lo que encontraba. Todo era para su viaje. El primer objetivo fue su pasaporte, que le costó ser explotado una quincena en las plantaciones de la Uva. Luego la Carta de Manutención, que fue la más difícil, seguido de la Visa de estudiante, donde el Quinde ya se desanimaba. Y así días y semanas, meses fueron pasando. También en construcción civil trabajó. Como dicen en Perú, fue mil oficios dado que su objetivo lo hacía fuerte, y nadie se lo podía sacar de su cabeza.

Lorita de Carmelino. ¡Sigue adelante, sigue adelante, no te desanimes!

» ¡Ya has tomado una decisión, vaya por ella! Recuerda que:

“El aire milenario que corre por tus venas es la firmeza, el complemento como acción solidaria debe ser tu oxígeno para seguir viviendo. Cada línea de mi rostro no la niegues, es la identidad viva y concreta de donde se viene. El amor por otros iguales se mide no por simples acciones que pueden ser mentirosas, o hipócritas. No confundir una acción filantrópica con una acción solidaria comunitaria: son distintas. Se mide cuando tanto el corazón y la razón se ponen de acuerdo en decir que fue lo mejor que se hizo en una acción solidaria”.

Quinde Andino. Lindas palabras de Lorita de Carmelino.

» ¡Papá! Me voy para Lima a sacar mi Visa, que es obligatoria, mas nunca he ido, y no conozco a nadie.

Rayo de Botonal. No te preocupes, en Lima tengo unos compadres, voy a llamarlos para que te recojan, hijito, y te den posada.

Quinde Andino. ¡Gracias, papá!

Vicuña. Al momento de subir a su caballo el Bus, miró al cielo y dijo: Soy un Quinde Caminante, hijo de la vida, y el destino y junto a sus caminos ahí me encuentro junto a mis pasos, ellos son mis familias, allá voy. El Quinde se despidió de su padre, le hicieron la bendición en la frente, y salió sin mirar atrás. » Ya en Lima, el Quinde, muy preocupado, dice:

Quinde Andino. y ahora para dónde me voy. De pronto se preguntó:

» ¡Ahora que recuerdo!, tengo un amigo que ya está en Lima, él me puede ayudar.

» Aló, cumpa Miguel, soy su cumpita el Quinde Andino, estoy en Lima. Crees que me puedas recoger.

Miguel Caminante. ¡Hola cumpita Quinde, qué bueno, yo te caigo por ahí en unos 40 minutos, espera en la empresa de transporte, no te muevas, por favor!

Vicuña. El tiempo pasó, y el Quinde estaba super triste en tierra lejana, pero no lo daba a notar. De pronto llegó su amigo Miguel, y este estaba ganándose la vida con su tía para sacar una plata también y luego viajar al Brasil. El hecho es que ya con Miguel disminuyó la preocupación. En eso que estaban repartiendo unos productos en el carro de la tía de Miguel, le entra una llamada al Quinde de su amigo de su papá llamado el Colorado de Chalaco.

Colorado de Chalaco. ¡Hola, cumpa, le acabo de llamar a mi cumpita mayor y dice que está en Lima! ¿Cierto?

Quinde Andino. ¡Sí, miamo, estoy aquí en Lima!

» Venga a encontrarme, oiga, lo espero en la hacienda del CIVA, en 30 minutos.

Colorado de Chalaco. No cumpita, aquí no estamos en Piura, esto es Lima. Me espera unas dos horas hasta llegar allí, dado que el tráfico está fuerte. Cumpa, haga que su amigo lo lleve a donde lo encontré, y allí usted me espera. Así se haga de noche, yo voy porque voy.

Quinde Andino. ¡Hermano, no me vayas a fallar, ahí voy a esperarte!

Colorado de Chalaco. Ya no sabe que los serranos somos de asunto, miamo. Vaya contando cuántos carros voladores van pasando, jajajaja, jajaja.

Vicuña. Al Quinde se le salía el corazón de la preocupación. Estaba atento, junto a Miguel, su primer amigo que encontró en Lima. El compadre Colorado de Chalaco no mintió, y sí lo ayudó y lo llevó a su casa. Ya en la casa de su amigo Chalaco, estuvo casi 8 días tramitando

documentos, y la plata al Quinde se le iba agotando dado que gastaba más en comer que en los propios trámites. Por eso hay un dicho que dice:

“Lima o la capital no es amiga para los que no conocen a nadie, ahí nadie te regala nada, las grandes ciudades son la esencia de la modernidad y el capitalismo, locura viva para vivos un poco locos”.

El Quinde quería llorar, gritar, darse un golpe, pero tenía que ser sereno a pesar de las dificultades. Se supo que después se fue de posada a la casa de sus primos, la Estrella del Norte y el Clinder Guerrillero. En fin, tanto hacer entre idas y venidas, ya con el dinero escaso, el Quinde logró hacer la ansiada y dificultosa señora Visa de estudiante que le costó algo de 80 dólares, requisito importante de la época para llegar al Brasil. En aquellos tiempos, la Carta o Minuta de Manutención tenía que estar bien hecha, o si no de nuevo te hacían hacerla y costaba un ojo de la cara para el que no sabía. El Quinde rogaba, sentado frente a la Embajada del Brasil en Lima:

Quinde Andino.

“¡Por los cerros que me cuidan, mis lagunas de las Huaringas curanderas, por el santo de la Orqueta, que todo esté bien, dado que ya no tengo plata ni para una empanada con agua!”.

Vicuña. Se supo que su colega una pajarita Golondrina Rebelde le ayudará a sacar cita por internet para ir a la embajada dado que no tenía computadora.

Quinde Andino. ¡Hola, Golondrina Rebelde! —, me puedes ayudar a inscribirme para sacar cita para mi visto, no te conozco, pero se ve que eres buena persona, no tengo computadora a la mano.

Golondrina Rebelde. ¡Sí, Quinde Andino! Te ayudo, me mandas tus datos y lo hago. ¡No te preocupes!

Vicuña. La Golondrina Rebelde, que luego sería su colega, le ayudó en hacer sus trámites que le faltaban en momentos donde las cosas materiales no estaban a la mano. El Quinde, se supo, quedó agradecido con ella y todos los otros pichoncitos y pichoncitas como Saparcita Limeña, que le ayudaron, y está muy grato hasta la fecha con todos y todas.

» Ya en la Embajada el día de la cita:

Caipirinha. ¡Bom dia, tudo bem!

» Em que posso ajudar ao senhor?

Quinde Andino. ¡Hola! Disculpe, ¿no puede hablarme en mi idioma, por favor?

» Estoy haciendo mis trámites para ir a la UNILA, y necesito el visto de estudiante. Estudié el portugués por YouTube, pido disculpas, pero solo aprendí a decir: obrigado, fala sério, bom dia, boa tarde, boa noite, jjajaja, jjajaja.

» Me disculpo porque mi portugués todavía es malo.

Caipirinha. ¡Não se preocupe, eu também sou novo neste trabalho!

» Mas seus documentos estão completos. Então ele volta para o visto em uma semana.
Quinde Andino. ¡Gracias!

Caipirinha. Tudo certo, tudo certo, e até logo.

Vicuña. Así el Quinde se despidió escuchando por primera vez el portugués fluido.

» El Quinde ya con todos sus documentos, regresó a Piura haciendo algunos sacrificios dado que se quedó sin dinero. Ya en Piura, fue a despedirse de su hermana Paloma Blanca. Pero a unos días de salir con destino a Foz ocurrió una primera barrera, el llamado Fenómeno del Niño. Es un fenómeno natural de lluvias intensas que ocurre cada cierto tiempo en la Costa norte del Perú y sus regiones. El Quinde no encontró pasaje, todo estaba bloqueado, las carreteras a Lima estaban por rutas alternas dado que las lluvias dañaron todo. Mas tenía que avanzar:

Quinde Andino. ¡Papá, mamá y familia, me voy a Brasil!

Rayo de Botonal. ¡Ya, hijito, te cuidas mucho, yo te quiero, no quiero que te vaya mal! Recuerda todos tus valores, hijito, y si te va mal, vuelve que aquí te espero.

Quinde Andino. No me va a pasar nada, papá, todo va ir bien.

» Ya me voy mamita, se cuida, ya vuelvo.

Nube Blanca. Hijito, cuídate por el camino, que las buenas cosas siempre te protejan. Anda con cuidado, y no vayas a estar tomando. No conoces tierras lejanas, qué laya de gente serán. Sé educado, atento, cuídate de las malas influencias.

Vicuña. Así fue que el Quinde se despidió, y se volvió ya de afuera de su casita y de nuevo abrazó a su padre, y le dijo:

“Confía en mí, padre, ya vengo, y pase lo que me tenga que pasar, lo enfrentaré, así como me has enseñado a ser fuerte como la peña de la Guacaca de Botonal. No creo que el poncho me quede largo y no lo pueda cargar”.

Rayo Andino. Ya, hijito, ya, hijito. Yo estoy aquí para cuando vuelvas.

Vicuña. El Quinde salió de su casa, no lloró, pero al dar la espalda a su padre lloró tan profundo, que prefirió ir caminando hasta un lugar o tramo más largo para coger su primer carro rumbo a Lima. Sabía que no podía fallarle. Los inconvenientes del camino de Piura a Lima fueron tan agotadores, que por no haber pasajes directos fue de lugar en lugar, conversando y ayudándose con otros viajeros que notaba eran de confianza. Su viaje de Piura a Lima duró ocho días de lo normal que es, salir por la tarde y llegar al otro día en tiempos normales en bus.

» Ya en Lima, el Quinde de nuevo fue a buscar sus documentos que faltaban para viajar, pero ahora ya conocía algo, mas era complicado.

» Ya en São Paulo, Aeropuerto de Guarulhos, el Quinde estaba sabiendo que de a poco, de a poco, iba llegando a su destino. Todo el mundo hablaba portugués y este para comunicarse usaba su traductor del celular. En fin, el Quinde luego viajó a Foz de Iguazú y prácticamente esa primera parte de su viaje había concluido.

Quinde Andino. ¡Hola, cumpita Zorzal, llegando pues oiga a ver si se puede o no se puede continuar!

Zorzalito. Venga cumpita, aquí ya está como en su casa. Las aulas ya comenzaron hace un mes, usted es el último en llegar de su turma.

Quinde Andino. ¡Ay, cumpa Zorzalito! ¡Si supiera! Ya con calma le contaré los detalles. Ahora deme un permiso voy a conversar con mis cerros y mis encantos de cómo llegué.
Zorzalito. ¡Vaya, cumpa! ¡Vaya, cumpa!

Vicuña. El Quinde Andino, sin conocer a nadie, llegó a la UNILA del PTI. Entró al aula, se sentó y, bueno, el reto primero estaba ya cumpliéndose. Saludó al Halcón de Ica, la Chuvisita, y también saludó a Golondrina Rebelde. Al resto de los otros animalitos solo los miro y sonrió como de fraternidad. Había Tucanes, Loros, Papagayos, Monitos y Monitas, Gorriones, Palomas Cuculí, Capivaras. El aula se veía una linda y florida selva amazónica o territorio indígena, tantos rostros que emitían luces por conocer:

Quinde Andino. ¡Hola, Halcón de Ica, cómo va todo!

Halcón de Ica. ¡Hola, Quinde Andino, es un gusto conocerte, todo bien, gracias!

Quinde Andino. ¡Hola, Chuvisita, no te desanimes!

Chuvisita. ¡Hola!, ¿cómo estás?, saludos cordiales Quinde Andino.

Golondrina Rebelde. ¡Hola!, bienvenido, estimado Quinde, un gusto conocerte.

Vicuña. Y así sucesivamente, el Quinde Andino saludó a sus iguales, y de a poco fue haciendo amistades. De ahí para adelante ya son otras muchas historias, que no se contarán aquí, y así fue llegando a su primera etapa de su viaje.

Quinde Andino. Bueno, llegué con mucho esfuerzo, aquí estoy, sé que no pude contar todo lo que sufre un emigrante para llegar a la UNILA. Claro que todos tenemos una historia. Ya en la Universidad, unos pocos profesores hablaban el español. Solo una anécdota: hubo un día en JU que nadie de los hispanohablantes peruanos entendía al 100 % qué es lo que la profesora hablaba.

“Me daban ganas de llorar, muchas veces. E incluso he llorado en mi computadora, una de segunda mano que mi cumpa Zorzalito me vendió, intentando leer un texto en portugués que duraría todo un día. Siendo honestos, muchos cumpas vencemos ese miedo luego si ponemos fuerza; en particular, en tres meses o cuatro, creo los miedos de leer van desapareciendo, ya resto de meses no sabía si ya leía en español o en portugués, igual escucharlo, aunque el hablar sí tuve más resistencia”.

Capivara. ¿Qual seria a sua mensagem do Quinde Andino agora já formado para os Unileros entre brasileiros e hispano falantes, Indígenas, afrodescendentes?

Quinde Andino. Amiga Capivara, como dije, todos tenemos una historia que contar de cómo se llega a la UNILA. Claro, unos sufrimos más y otros quizás menos, pero al final de todo, en tierra ajena, eres lo mismo un emigrante. Sabemos que Foz es exquisita en algunas cosas, hay resistencia hacia el alumno de la UNILA. Entonces, quiero anotar que no es fácil para un extranjero o inmigrante llegar a su país el Brasil o región de Foz, los alumnos pajaritos y pajaritas sufrimos mucho, y nada se nos regala, todo es costoso. Muchos somos confundidos hasta por delincuentes, la policía fácilmente te puede confundir, no estando en el lugar indicado, ni a la hora cierta. Foz tiene sus cosas bellas, gente solidaria, pero para un nuevo o calouro que recién llega, más aún si tiene rasgos indígenas o afrodescendientes, recomiendo ir con calma y despacio.

Capivara. O que mais Quinde, o mais explícito, eu sei que há muito que você gostaria de dizer, mas diga mais algumas palavras.

Quinde Andino. Hay una cosa que aprendí en este caminar, pajaritos y pajaritas del Sur Andino Indígena Plurinacional. Sabemos que hay pajaritos y pajaritas que no llegamos hacer vida social, por eso creo que entre todas las cosas a cumplir y hacer está el no perder el foco y los objetivos. Al fin solo es una breve historia, seguro hay muchas mejores entre los cientos de pichoncitos y pichoncitas de UNILA. Con eso no quiero decir que se practique la soledad o ser un santo o monja, o comportarse como una estatua, jajajajaja jajajaja.

“La UNILA es el Dorado Perdido, que está siendo encontrada por la interculturalidad de los pueblos, y hay que cuidarla y esforzarse para dar lo mejor de lo mejor por ella, y la cultura de la Integración amplia. Recordar que muchos ya no volvemos a ver a nuestros seres queridos. Ya nada es igual mientras estamos fuera de nuestras culturas, por eso tenemos que ser muy cautelosos y responsables, dado que nos convertimos en pajaritos y pajaritas orgánicos e interculturales”.

Vicuña. El Quinde llegó el 2017, ya culminó sus estudios entre altos y bajos, caídas y levantadas, hasta hambres habría pasado, pero todo lo logró. Se supo que sufrió xenofobia racial muchas veces en Foz, pero eso no lo desanimó. Incluso hubo un año, el 2018, que muchos de sus profesores pensaron que el Quinde al irse de vacaciones ya no volvería para el año 2019, mas esa es otra historia. Al final demostró al resto de Quindes Andinos que todo es posible con mucha perseverancia, disciplina, y sacrificio. Como se supo, el Quinde Andino fue el último en llegar el 2017, y fue el primero de su turma en concluir, y no de cualquier forma, sino de manera honrosa, ya estando en plena pandemia.

Capivara. Obrigada amiga Vicuña pela história. Temos certeza de que muitas coisas não foram ditas, mas são essas vidas concretas que hoje fazem da UNILA um projeto original no Brasil e no Sul Andino Plurinacional.

Quinde Andino. Gracias, Capivara amiga. Quiero finalizar anotando que este texto va dedicado a mi padre el Rayo Andino, que me despidió llorando y alegre, y que nunca más

volví a encontrarlo. De igual forma a mi hermana Paloma Blanca, que falleció, de la cual tampoco me pude despedir. Soy grato y les rindo honores.

Capivara. Não se preocupe Quinde Andino, aqui agora somos Capivaras, voe e voe até onde suas crenças e passos vão.

» ¡Até logo!

El Gavilán. ¡Fuerza a los y las Capivaras!

Alpaca. Gracias Quinde del norte por animarte a describir parte de la dura vida, y el sacrificio que los pajaritos, los alumnos Unileros, hacen para llegar a Foz de Iguazú.

Quinde Andino. Hasta la próxima amautas Capivaras, perseverancia, voluntad y disciplina en sentido de foco en todos nuestros objetivos trazados.

» ¡Si se puede!

» ¡Vamos que vamos!

» ¡Vamos que vamos dice una linda Flor de Retama llamada perseverancia aquí en el Brasil!

» ¡Vamos a conversar, ahí está la puerta para entendernos entre desconocidos que no somos! Hasta pronto.

LA EDUCACIÓN INTERCULTURAL BILINGÜE EN AMÉRICA LATINA



Iván Alejandro Ulloa Bustinza

Profesor de Español en la Universidad para la Integración Latinoamericana (UNILA) y coordinador del grupo de investigación anexo por el CNPq: Produção de materiais didáticos para o ensino de Espanhol Língua Adicional no contexto da Integração Latino-americana e do Mercosul, que desarrolla una investigación sobre la creación de materiales didácticos enfocando en cuestiones discursivas e interculturales.

¿Qué es la EIB?

El Objetivo de desarrollo sostenible número 4 de la Agenda 2030 sostiene que se debe “garantizar una educación inclusiva y equitativa de calidad y promover oportunidades de aprendizaje permanente para todos.” (ONU, 2018)

La Educación Intercultural Bilingüe reconoce el derecho de los pueblos a mantener su identidad, siendo estos responsables, en última instancia, de la educación de sus miembros de acuerdo a enfoques y métodos que respeten su forma de ver el mundo. En esta breve definición es posible identificar varias cuestiones centrales para la EIB.

a) El derecho de los pueblos a la autodeterminación. De acuerdo a este derecho, todo Estado nación debe reconocer y dar autonomía a los grupos étnicos que integran su territorio, en relación a su cultura, estructura social y su economía. En el caso de América Latina, los estados nacionales tienen una deuda histórica con los pueblos originarios y con los descendientes afroamericanos que debería traducirse en programas institucionales y medidas de apoyo en todos los campos. Lo que se aprecia en general, por el contrario, son tímidos avances y acciones que no llegan a tener un poder transformador sobre las diversas comunidades, que responden por los peores índices en las estadísticas que se refieren a calidad de vida, condiciones de trabajo, niveles de pobreza y educación (UNESCO, 2013). Esto significa que para el éxito de un modelo de EIB en un país es necesaria una transformación en las condiciones de vida de las comunidades que van a recibirla.

b) Los pueblos deben implementar su propia EIB, es decir, que no puede tratarse de una medida desde fuera, ejercida por los gobiernos de turno y con especialistas ajenos a las comunidades, por muy exhaustivo y completo que sea el programa. La educación no solo debe ser gestionada por miembros de la propia comunidad, sino que ellos mismos deben ir creando un marco educativo propio que responda a las necesidades reales de su día a día, respetando los estilos de aprendizaje característicos de su comunidad, con procesos y contenidos pertinentes.

c) La lengua materna de los pueblos no solo debe ser instrumento de aprendizaje, sobre todo en los primeros años de la educación primaria, sino que, además, debe ser estudiada y valorada como centro neurálgico de la cultura que la usa, en un proceso de elaboración que demanda la producción de diccionarios y otras obras lexicográficas, estudios fonético-fonológicos, gramaticales y sintácticos, entre otros aspectos. Este proceso de estandarización de la lengua no está exento de problemas. Según Montaluisa Chasiquiza:

El proceso de estandarización de la escritura del quichua ecuatoriano se encuentra en una situación contradictoria, tanto a nivel de estatus como representación del corpus: por una parte están los líderes comunitarios, intelectuales y autoridades de la EIB que se manifiestan a favor de estandarizar la escritura de la lengua. En una encuesta realizada en 2014 a educadores y líderes indígenas sobre aspectos relacionados con la escritura, el 90% se mostró partidario de la estandarización. Sin embargo, en la práctica existen problemas en la aplicación de la respectiva política. Menos de la mitad de los profesores indígenas que han dado la prueba de bilingüismo desde 2014 hasta 2018 manejan bien la escritura estandarizada. La mayoría escribe con interferencias de la ortografía del castellano o de las hablas locales. [...] La estandarización de la escritura de una lengua implica un proceso de planificación lingüística. Pero como lo han señalado Cerrón-Palomino (1983), Itier (1992b), Appel y Muysken (1996), Luykx (2013) y Lepe (2014), la planificación lingüística no ocurre in vacuo, sino dentro de un contexto amplio, pues no se puede prescindir de la problemática social, económica y política en la que esta se halla inmersa. En el caso ecuatoriano, la estandarización del quichua está estrechamente vinculada a la EIB y al ejercicio de los derechos colectivos de las nacionalidades indígenas. (2019, p. 345)

d) Los materiales didácticos, por lo tanto, han de ser específicos para el tipo de aprendizaje de una Educación Intercultural Bilingüe. Para ello se utilizan generalmente mapas conceptuales, se incentiva la interpretación y producción oral y se utiliza una variante propia del Aprendizaje Integrado de Lengua y Contenido (AICL), donde las dos lenguas (la materna y la “nacional”) se usan indistintamente para enseñar todos los contenidos.

e) El objetivo de un bilingüismo coordinado debe guiar la implementación de un currículo EIB. Refiriéndose al Programa “Comunidad Indígena y Educación Intercultural Bilingüe” CIEIB, desarrollado en colaboración con la comunidad p'urhépecha, del estado de Michoacán de México, Hamel explica que en el currículo creado se combinan

dos programas de Lengua, del p'urhepecha como primera lengua (L1) y del español como segunda lengua (L2). Por razones conceptuales y también prácticas, estos programas se han separado del Programa de Asignaturas para poder satisfacer las necesidades de un currículo EIB moderno de acuerdo con las orientaciones actuales a nivel nacional e internacional. El área tiene el objetivo de alcanzar un bilingüismo coordinado óptimo: cuando egresan de la escuela primaria los alumnos deben haber desarrollado una proficiencia en las cuatro habilidades en ambas lenguas, que si bien probablemente no será del mismo nivel en L1 y en L2, les permitirá comunicarse dentro de su comunidad lingüística y en la sociedad nacional en situaciones comunicativas relevantes para su edad. Además, deberán haber desarrollado competencias comunicativas y académicas para poder continuar con éxito sus estudios en la escuela secundaria (HAMEL, 2008, p. 18).

Por otra parte, este modelo, en el cual ambas lenguas son el vehículo de los contenidos del currículo, buscaba evitar la distinción despreciativa entre la lengua materna (originaria), reducida a la enseñanza de los contenidos de tipo “étnico” por un lado; y la lengua segunda (el castellano, en este caso) especializada en contenidos científicos.

f) Los profesores deben hablar la lengua de la comunidad. Esto, que parece obvio, es uno de los grandes avances de la EIB en América Latina, que, en las últimas décadas ha pasado de ofrecer una educación monocultural y monolingüe, con profesores que solo hablaban el idioma mayoritario, a funcionar casi exclusivamente con docentes hablantes de la lengua de la comunidad, los cuales, además, tienen la posibilidad de participar en la toma de decisiones, especialmente en lo que se refiere a la creación del material didáctico. El uso de la lengua materna en la instrucción supone un componente afectivo muy fuerte, y afecta directamente a los niveles de deserción de los alumnos. Si la comunidad escolar (padres, profesores, alumnos...) no se sienten identificados con la escuela, el aprendizaje es deficiente y los estudiantes abandonan la escuela. Los docentes deben recibir una formación especializada para trabajar con el modelo educativo de la EIB, y la profesión debe ser valorada en su justa medida, tanto desde el punto de vista de los salarios como del estatus social dentro de la comunidad.

Muchos de estos aspectos ya estaban sobre la mesa en 1989, cuando los artículos 27 y 28 del *Convenio número 169 sobre Pueblos Indígenas y Tribales de la Organización Internacional del Trabajo* (OIT) decretaron que:

Artículo 27

1. Los programas y los servicios de educación destinados a los pueblos interesados deberán desarrollarse y aplicarse en cooperación con éstos a fin de responder a sus necesidades particulares, y deberán abarcar su historia, sus conocimientos y técnicas, sus sistemas de valores y todas sus demás aspiraciones sociales, económicas y culturales.
2. La autoridad competente deberá asegurar la formación de miembros de estos pueblos y su participación en la formulación y ejecución de programas de educación, con miras a transferir progresivamente a dichos pueblos la responsabilidad de la realización de esos programas, cuando haya lugar.
3. Además, los gobiernos deberán reconocer el derecho de esos pueblos a crear sus propias instituciones y medios de educación, siempre que tales instituciones satisfagan las normas mínimas establecidas por la autoridad competente en consulta con esos pueblos. Deberán facilitárseles recursos apropiados con tal fin.

Artículo 28

1. Siempre que sea viable, deberá enseñarse a los niños de los pueblos interesados a leer y a escribir en su propia lengua indígena o en la lengua que más comúnmente se hable en el grupo a que pertenezcan. Cuando ello no sea viable, las autoridades competentes deberán celebrar consultas con esos pueblos con miras a la adopción de medidas que permitan alcanzar este objetivo.
2. Deberán tomarse medidas adecuadas para asegurar que esos pueblos tengan la oportunidad de llegar a dominar la lengua nacional o una de las lenguas oficiales del país.
3. Deberán adoptarse disposiciones para preservar las lenguas indígenas de los pueblos interesados y promover el desarrollo y la práctica de las mismas. (p. 55-57)

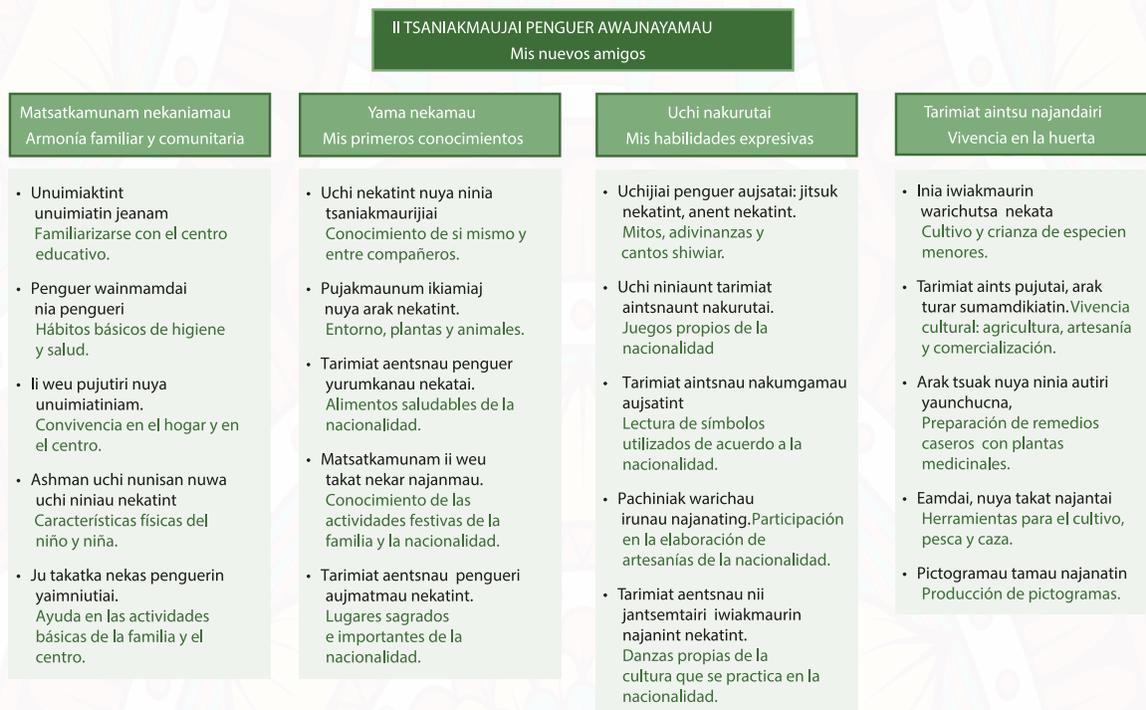


Figura 1. Areas de conocimiento EIB, MINEDUC (2017), Educación Primaria, en Guía para el docente de EIFC, Quito: Medios Públicos EP. Disponible en: <https://educacion.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2019/09/Guia-del-docente-EIFC-Unidad-9-Shiwiar.pdf>

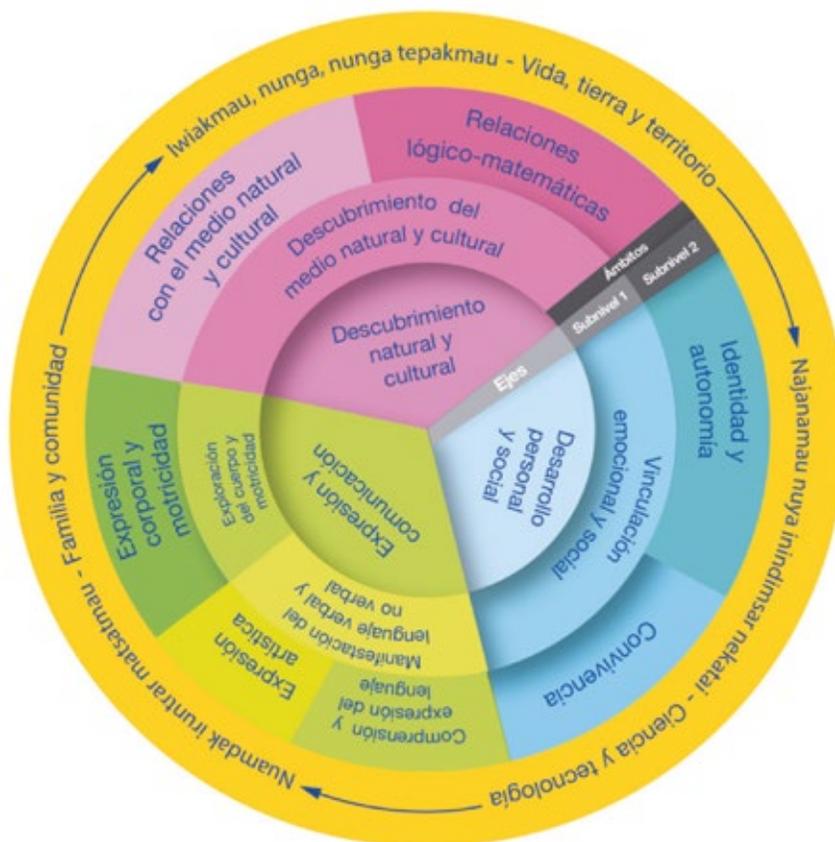


Figura 2. Clasificación de contenidos EIB, en MINEDUC (2017), Guía para el docente de EIFC. Quito: Medios Públicos EP. Disponible en: <https://educacion.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2019/09/Guia-del-docente-EIFC-Unidad-9-Shiwiar.pdf>

¿Cómo se organizan los contenidos en la EIB?

En la Figura 1 (MINEDUC, 2017) puede apreciarse la disposición del contenido de un programa de EIB de la cultura Shiwiar (Achuar), Ecuador. Los conocimientos se distribuyen de acuerdo a un análisis de las necesidades específicas de la comunidad y sus condiciones culturales y socioeconómicas. Se parte del conocimiento de uno mismo y del entorno inmediato a la convivencia en sociedad, por ello se clasifican los conocimientos en:

- a) Desarrollo personal y social, que abarca los tópicos Identidad y autonomía; Convivencia.
- b) Descubrimiento del medio natural y cultural, que explora las relaciones del sujeto con el medio y las relaciones lógico-matemáticas.
- c) Expresión y comunicación, que contempla la expresión lingüística, artística y corporal. (Familia y Comunidad)

Estos conocimientos capacitan a los alumnos para desenvolverse en los diferentes ámbitos de su cultura, organizados en tres ejes principales alrededor de los cuales gira la existencia social de la comunidad: Vida, Tierra y Territorio; Ciencia y Tecnología; Familia y Comunidad.

En la Figura 2 (MINEDUC, 2017), correspondiente a la misma serie de recursos educativos y materiales didácticos disponibilizados por la Dirección Nacional de Educación Intercultural Bilingüe del Ministerio de Educación de Ecuador, se observa cómo los contenidos del programa presentan una gradación desde el mundo íntimo de los alumnos ("Familiarizarse con el centro educativo; Hábitos básicos de higiene y salud; Características físicas del niño y la niña") a exploración del entorno, que incluye tanto conocimientos sobre las plantas medicinales como sobre los lugares sagrados y las festividades más importantes. Completan el programa las habilidades expresivas, para las cuales se utilizan géneros y expresiones de la comunidad, como mitos y leyendas de tradición oral, cantos, danzas y artesanías. Se destaca que los juegos tradicionales de la comunidad se consideran también un vehículo expresivo. Finalmente, la sección "Vivencia en la huerta" aporta conocimientos sobre el cultivo de plantas medicinales, preparación de remedios, herramientas de caza y pesca y confección de pictogramas.

Algunas de las publicaciones dirigidas a los docentes de EIB proporcionadas por el gobierno ecuatoriano constituyen verdaderos estudios académicos sobre diferentes lenguas y culturas del país, como, por ejemplo, la serie Sabiduría Amazónica, con libros específicos para las culturas Kichwa, Shuar, Waodani y Sapara, en los cuales se estudia la lengua y la cultura con profundidad y detalle, a través de un enfoque interdisciplinar que incluye análisis etnográficos y lingüísticos. Otros recursos son antologías de cuentos y mitos, así como láminas y libros didácticos para diferentes disciplinas.

¿Qué legislación hay con respecto a la EIB?

Según Rivera Cusicanqui (1987), el renacer de los movimientos de los pueblos originarios, en la segunda mitad del siglo XX, fue el resultado de una larga historia de lucha política entre diversos agentes sociales y políticos en toda América Latina. Según ella, las organizaciones de izquierda monopolizaron las demandas de los pueblos originarios a finales de la década de 1960 y parte de la de 1970. Sin embargo, estos consiguieron reorganizarse y levantar una voz propia a partir de la década de 1970, tras un convulso periodo de represión y gobiernos totalitarios:

El silencio no fue roto por los investigadores, sino por los propios indígenas. El dramático final de los procesos políticos reseñados –clausura, en la mayor parte de los casos violenta, de las "aperturas democráticas", escaladas represivas, clandestinización de las organizaciones sindicales y políticas de izquierda– modificó sustancialmente el contexto de la investigación social en nuestros países. La desmoralización y fragmentación del movimiento popular institucionalizado, se vio sin embargo contrastada por la emergencia de nuevos actores sociales, de difícil categorización según las concepciones habituales. De entre ellos –que abarcan una gama muy variada de definiciones no estrictamente clasistas, como los movimientos de mujeres, la movilización juvenil, barrial y regional– quizás el más significativo para los países andinos sea el movimiento indio.

Las causas que explican estos fenómenos son difíciles de establecer. Es posible que la intensa movilización social precedente –en muchos casos con significativa participación del campesinado indio– hubiese llevado a sus límites las estructuras estatales destinadas a cooptar y controlar a estos sectores, y a neutralizar sus conflictos. Con ello se produjo la quiebra de los modelos de control social como el indigenismo, el clientelismo y el "bonapartismo" estatal, que anteriormente habían servido para bloquear las demandas autónomas de estos sectores.

Lo cierto es que en la década del 70 surgen en toda el área vigorosos procesos de autoconciencia étnica y se forman organizaciones que reclaman para sí el derecho de generar sus propias sistematizaciones ideológicas y políticas, desplazando del rol de intermediarios a los intelectuales y científicos sociales de las diversas disciplinas. (1987, p. 4)

Es en ese contexto donde la EIB empieza a consolidarse desde la base, en la propia estructura de los movimientos sociales y de las comunidades de los pueblos originarios. Se trata de un nuevo paradigma que Cusicanqui define como investigación-acción, y cuyo principal objetivo es que la atención se desplace desde las necesidades y lógicas del investigador académico "a una exigencia externa y políticamente comprometida: Producir conocimientos y resultados de investigación significativos no sólo para el investigador y la comunidad académica, sino también para los intereses del grupo estudiado" (1987, p. 5). Para ello es imprescindible la participación de la comunidad.

Paralelamente a este proceso, una serie de Declaraciones y Acuerdos Internacionales de diferentes organismos (UNESCO, CEPAL, OIT, UNICEF, etc...) han ido subsidiando el proceso político y legal necesario para apuntalar el proceso de legislación e implementación de la EIB en los diferentes países de la región.

En lo que se refiere a la legislación relativa a la educación inclusiva y, en concreto, al reconocimiento de los pueblos originarios, América Latina es la región más avanzada del mundo. Varios países se reconocen como plurinacionales y la mayor parte de ellos reconocen el derecho a una enseñanza diferenciada para las nacionalidades históricas que integran el Estado-Nación. Algunas de ellas ya están implementando hace años modelos de Educación Intercultural Bilingüe. En el Informe de Seguimiento de la educación en el mundo 2020 - América Latina y el Caribe (UNESCO, 2020), que analiza los avances y retrocesos en relación al marco para la educación 2030, se resumen algunos logros al respecto:

A menudo, la legislación de la región da especial atención a los pueblos indígenas, dado que su grado de exclusión a lo largo de la historia resulta evidente, si se tiene en cuenta que el 32% de los adultos indígenas activos de más de 25 años no ha recibido educación, frente al 13% de las personas no indígenas (OIT, 2019). El Estado Plurinacional de Bolivia, el Ecuador y el Perú han modificado sus constituciones para reconocer su condición pluriétnica y multicultural, una medida que ha proporcionado una base sólida para efectuar cambios en la educación. En el Ecuador, el compromiso formulado en la Constitución de 2008 de instaurar una educación plurinacional e

intercultural se tradujo en una ley encaminada a desarrollar, fortalecer y potenciar el sistema de educación intercultural bilingüe. En el Perú, la Ley para la Educación Bilingüe Intercultural de 2002 reconoció la diversidad cultural como un valor. Le siguió el Decreto Supremo de 2016, que estableció la obligatoriedad de la educación intercultural y la educación intercultural bilingüe para todas las entidades e introdujo un mecanismo de seguimiento y evaluación. [...] En la Argentina, la Ley de educación superior de 1995 establecía que el Estado debía promover políticas de inclusión educativa que reconozcan los diferentes procesos multiculturales e interculturales. [...] En Chile, el Ministerio de Educación es responsable de proteger la educación de los pueblos indígenas basándose en la Ley General de Educación (N° 20.370), la Ley sobre protección, fomento y desarrollo indígenas (No 19.253) y el Convenio No 169 de la OIT. El Programa de Educación Intercultural Bilingüe de 1996 dispuso que las lenguas indígenas formarían parte del currículo nacional para que todos los alumnos y las alumnas, independientemente del grupo étnico al que pertenezcan, pudieran adquirir conocimientos acerca de las lenguas y culturas indígenas. [...] En Colombia, el Decreto 804 de 1995 reglamentó la atención educativa para grupos étnicos, estableciendo los criterios para el nombramiento de docentes en las comunidades afrodescendientes, y el cuerpo docente procedentes de ellas. El Decreto 1953 de 2014 determinó los principios para la administración de los territorios indígenas y consolidó el Sistema Educativo Indígena Propio. En Costa Rica, en el Decreto 37801 de 2013 se precisaron las particularidades de la educación indígena. (p. 28)

Sin embargo, la implementación y manutención de estos derechos ha enfrentado muchos problemas. El análisis de los diferentes países latinoamericanos que han implementado un sistema de Educación Intercultural Bilingüe (Ecuador, Perú, Bolivia, Paraguay, Colombia, etc) excede la extensión prevista para este artículo, pero cabe decir que la intensidad de la adhesión a la EIB es desigual en los diferentes países y choca con obstáculos dispares, tales como la alternancia de gobiernos, el grado de exclusión social de las minorías étnicas en cada país, y otros procesos socioculturales y económicos propios de cada región. Cabe destacar que en los últimos años se advierte un deterioro de las iniciativas e inversiones necesarias para continuar implementando la EIB en la región. Después de una década (2000-2010) en la que se observaron grandes avances en educación en la mayor parte de América Latina, con intensas inversiones tanto en lo que se refiere a insumos como a programas de apoyo a la población más desfavorecida y otras medidas compensatorias. El fin del auge de las commodities y la(s) crisis económica(s) global(es) llevaron a cambios de gobierno y al fin de las políticas y alianzas internacionales que habían catapultado el avance anterior. Se debilitó el proceso de Integración Latinoamericana y organismos internacionales como el MERCOSUR perdieron fuerza.

¿Cómo ha afectado la pandemia de COVID-19 a la EIB?

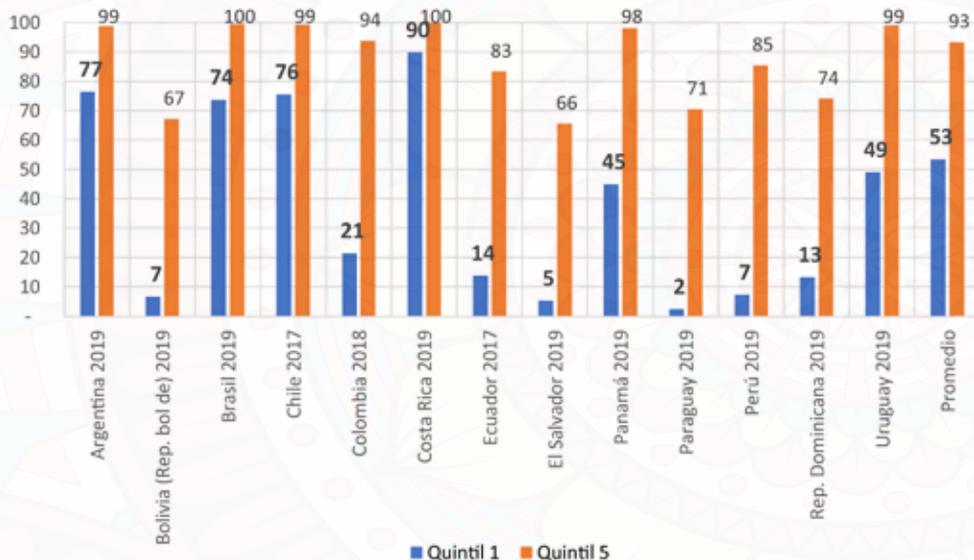
La pandemia de COVID-19 ha afectado directamente y de forma crítica a la educación en América Latina y el Caribe, pero ha sido más devastadora entre los grupos sociales desfavorecidos, sobre los cuales habían actuado los proyectos reformistas de las décadas anteriores. En estas comunidades se han producido retrocesos y se ha alimentado de nuevo el fantasma de la deserción escolar, que había mejorado bastante en los años anteriores. La pandemia ha evidenciado también la brecha tecnológica existente entre las zonas urbanas y las áreas rurales, y entre los sectores ricos y pobres de la sociedad. En este sentido, el acceso a Internet y a dispositivos digitales se ha convertido, según Alicia Bárcena, Secretaria Ejecutiva de la Comisión Económica para América Latina y el Caribe, en una necesidad apremiante:

La pandemia de la Covid-19 que nos está azotando pone en relieve los problemas estructurales de desigualdad de la región, ya que tiene un impacto discriminado en diversos grupos de población y su capacidad de respuesta. La pandemia tiene también un enorme impacto sobre la educación, con el cierre de los centros educativos y dejando en evidencia que los sistemas educativos tienen importantes deudas de inclusión que requieren ser abordadas de manera urgente. La discontinuidad de estudios o la imposibilidad de acceder al mismo tipo de continuidad por vía virtual, sumada a la crisis económica que está afectando los ingresos de los hogares, aumenta el riesgo de abandono escolar, particularmente en los niveles de enseñanza secundaria y terciaria. También aumentan las brechas de aprendizaje, particularmente para los más pequeños, que tienen mayores dificultades de continuidad de la enseñanza por vía remota.

Hoy más que nunca se ha puesto en evidencia la importancia del acceso a la conectividad y dispositivos digitales para continuar con los procesos educativos, así como con la vida laboral, la vida social, además de muchas de las oportunidades de participación e inclusión que se han visto interrumpidas por las medidas de confinamiento. Como todo, esto se vive de manera diferente en la heterogeneidad de nuestras sociedades, dependiendo de los contextos de acceso a Internet, habilidades digitales, educación y desigualdad de cada país. Se estima que más de 32 millones de niños y niñas viven en hogares que no están conectados a Internet. Este contexto reafirma la necesidad de que el acceso a Internet sea un derecho universal que debe ser asegurado para que toda la población pueda aprovechar las oportunidades y beneficios de estar conectado. (UNESCO, 2020, iv)

No estábamos preparados para la continuación de estudios en línea: es urgente avanzar en la universalización del acceso digital

América Latina (10 países): Personas de 5 a 20 años que viven en hogares con acceso a Internet del primer y quinto quintil de ingreso autónomo, circa 2019
(en porcentajes)



Fuente: Observatorio Regional de Banda Ancha (ORBA) de la CEPAL con base en las encuestas de hogares del Banco de Datos de Encuestas de Hogares (BADEHOG).

- En 2019, el **33% de NNA y jóvenes** (entre 5 y 20 años) de estos 10 países **vivía en hogares sin acceso a Internet**
- El acceso además **es muy desigual** entre los países de la región y por nivel socioeconómico: en promedio, el **53% de personas** de 5 a 20 años del **primer quintil** de menores ingresos tenía acceso a Internet en el hogar, comparado con **93% de los del quintil 5 de más altos ingresos**



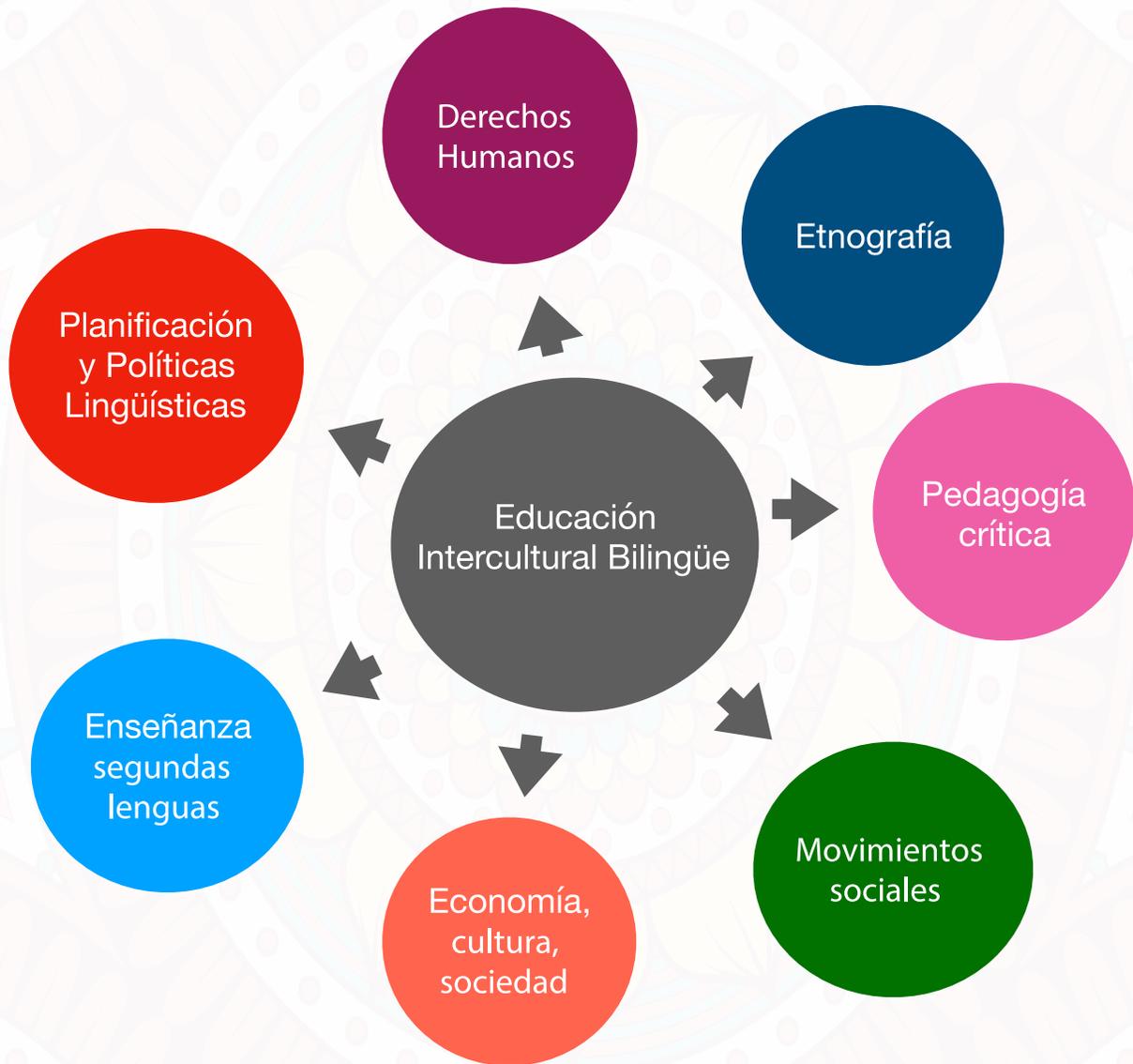
Figura 3. Índice de acceso a Internet en la región. Fuente: BÁRCENA, Alicia. Primer Seminario Regional de Desarrollo Social, 13 de octubre de 2021. Disponible en: <https://www.cepal.org/sites/default/files/events/files/version_final_presentacion_se_educacion_13-10-2021_0.pdf>

Imposible listar aquí los innumerables indicadores que indican cuán difícil ha sido adaptarse a los desafíos de la educación durante la pandemia e, incluso, después de ella. Lo que resulta evidente es que los obstáculos en la implementación de la EIB en América Latina y el Caribe parecen devenir no tanto de la falta de iniciativa en lo que se refiere a las políticas públicas, sino de problemas estructurales de los países de una de las regiones más desiguales del mundo. La legislación y las constituciones de estos países han ampliado sobre el papel la protección a las minorías étnicas, pero todos los días los índices de violencia y pobreza azotan a estas comunidades. En momentos de recesión económica la situación social se deteriora rápidamente, eclipsando los avances de épocas anteriores y desnudando las carencias estructurales de la región.

Conclusiones

Llegamos a la conclusión de que la EIB constituye un entramado de aproximaciones a un problema-situación cuya clave sólo puede ser resuelta a partir de un trabajo colectivo e interdisciplinar, ya que se trata de un campo de investigación-acción complejo, con múltiples facetas y con cantidad de actores. Algunas de las cuestiones involucradas:

1. Las políticas públicas, especialmente la planificación y políticas lingüísticas.
2. Los Derechos Humanos.
3. Los estudios etnográficos, que incluyen la descripción de las culturas y sociedades indígenas y, por supuesto, de la lengua.
4. La Pedagogía crítica y Educación intercultural
5. El estudio de los movimientos sociales
6. La economía, la cultura y la sociedad.
7. Enseñanza de segundas lenguas.



Bibliografía

BÁRCENA, Alicia. Primer Seminario Regional de Desarrollo Social, 13 de octubre de 2021.

Disponible en: <https://www.cepal.org/sites/default/files/presentation/files/version_final_presentacion_se_educacion_13-10-2021.pdf>

HAMEL, R. (2008). Hacia la construcción de un proyecto escolar de EIB. La experiencia

p'urhepecha: investigación y acción colaborativa entre escuelas e investigadores. In: MECARGENTINA, VIII Congreso Latinoamericano de Educación Intercultural Bilingüe, 3 a 5 dediciembre de 2008, pp. 113-137. Disponible en: <<http://hamel.com.mx/Archivos-Publicaciones/2010a%20Hamel%20VIII%20Congreso%20EIB.pdf>>

MONTALUISA CHASIQUIZA, L. (2019). El quichua y el proceso de estandarización de su

escritura. In: La estandarización ortográfica del quichua ecuatoriano. Consideraciones históricas, dialectológicas y sociolingüísticas. Quito: Editorial Abya-Yala, 2019. NACIONES UNIDAS (2018), La Agenda 2030 y los Objetivos de Desarrollo Sostenible: una

oportunidad para América Latina y el Caribe (LC/G.2681-P/Rev.3), Santiago. Disponible en: <https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/40155/24/S1801141_es.pdf>

OIT (2014), Convenio Núm. 169 de la OIT sobre Pueblos Indígenas y Tribales. Declaración de las Naciones Unidas. Lima: OIT/Oficina Regional para América Latina y el Caribe. Disponible en

<https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/documents/publication/wcms_345065.pdf>

RIVERA CUSICANQUI (1987), Silvia. "El potencial epistemológico y teórico de la Historia Oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la Historia" en Temas Sociales, número 11, IDIS/UMSA, La Paz, pp. 49-64.

UNESCO (2013). Situación educativa de América Latina. Santiago: OREAL. Disponible en:

<<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000224559>>.

UNESCO (2020). Informe de Seguimiento de la Educación en el Mundo 2020 – América Latina y el Caribe – Inclusión y educación: todos y todas sin excepción. París: UNESCO. Disponible en: <<https://es.unesco.org/gem-report/LAC2020inclusion>>

Qual é a importância de se preservar um idioma?

UNILA entrevista ao professor de Língua e Cultura Guarani Mario Ramão Villalva Filho

“Você sabia que, assim como o espanhol, o Guarani também é considerado uma língua oficial no Paraguai? Mas, e no Brasil, como é o cenário das línguas indígenas?

Neste episódio do ¿Qué pasa?,

convidamos o professor Mario Ramão Villalva Filho, do ensino de Língua e Cultura Guarani, para falar sobre o tema. Ele nos explica sobre a origem do Guarani, a relação do idioma com o cotidiano da população paraguaia e a importância de se preservar a língua dos povos originários.”



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=bHH8j9FCmZA>

Mario Ramão Villalva Filho é Professor de Língua e Cultura Guarani na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, desde 2012. É Doutor em Desenvolvimento Rural Sustentável pela UNIOESTE (2020), Linha de pesquisa: Inovações Sócio- tecnológicas e Ação Extensionista; Mestre em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo. Linha de pesquisa: Comunicação e Cultura (1998); Especialista em Agentes Educacionais em Comunicação Social pela ECA/USP (1992), com enfoque em comunicação comunitária e cultura guarani. Possui graduação em Radialismo e Licenciatura em Língua e Cultura Guarani. Membro Correspondente da Academia de Lengua Guarani. Experiência em ministrar aulas e coordenar cursos de Comunicação Social (habilitação Rádio e TV) e de Tecnologia da Produção Audiovisual e do curso de Letras, Artes e Mediação Cultural. É Coordenador do projeto da UNILA “Educomunicação e Cultura Guarani”

<https://www.educomguarani.com/>

Porque morrem as línguas?

Charla entre Mario Ramão Villalva Filho e Miguel Ángel Verón Gómez

“Na Charla, o professor Miguel Ángel Verón Gomez, doutor em língua Guarani, fala sobre esse problema alarmante, que coloca em risco a riqueza cultural e a história da nossa região. Por que as línguas morrem? Como evitar que isso aconteça? Descubra tudo nesta edição da Charla!”



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=yHoErafYACo&list=RDCMUCrfOC1BTKhalyh4FHeiTk2g&index=1>

Miguel Ángel Verón Gómez. Escritor bilingüe guaraní-castellano, Traductor Público, Doctor en Lengua Guaraní, Licenciado en Letras y Licenciado en Educación Bilingüe Guaraní-Castellano. Es Miembro de Número de la Academia de la Lengua Guaraní, docente de la Universidad Nacional de Asunción, director general y docente del Instituto Técnico Superior de Estudios Culturales y Lingüísticos Yvy Marãe'ỹ (que significa “tierra sin males”). Investigador categorizado del CONACYT, autor y coautor de diez libros. Actualmente, realiza el Doctorado en Traducción y Ciencias del Lenguaje de la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona, España

ARTICULAÇÃO NACIONAL DAS MULHERES INDÍGENAS GUERREIRAS DA ANCESTRALIDADE (ANMIGA) COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E RE-EXISTÊNCIA

Joselaine Raquel da Silva Pereira

Estudante do Programa de Pós graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos da UNILA e bacharel em Antropologia - Diversidade cultural latino-americana pela mesma universidade. Escritora e leitora de livros, artigos e poesias. Migrante, viajante e itinerante.



Resumo

A Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA) reúne mulheres indígenas de todo o território nacional brasileiro em torno de cosmovisões e cosmopráticas semelhantes, que permeiam os objetivos em comum de ressignificar as relações entre os seres humanos e a natureza e curar a Mãe Terra, nutrindo uma rede de resistência articulada física e virtualmente que já existia desde muitos séculos atrás através do compartilhamento de saberes ancestrais e suas memórias bioculturais (BARRERA; TOLEDO, 2015). Proponho uma aproximação entre a epistemologia feminista negra (HILL COLLINS, 2016) com a epistemologia utilizada pela ANMIGA, alcançando assim uma maior articulação entre os movimentos de mulheres indígenas e os movimentos de mulheres negras em Abya Yala, a partir de uma análise proveniente da “Antropologia do Ultraje” (ROCHA, 2014) que coloca suas posições subalternizadas como potências revolucionárias na sociedade.

Palavras-chave: Mulheres indígenas; Mãe Terra; Memória biocultural; Epistemologia feminista negra e indígena; Antropologia do Ultraje.

Articulación Nacional de las Mujeres Indígenas Guerreras de la Ancestralidad (ANMIGA) como forma de resistencia y re-existencia

Joselaine Raquel da Silva Pereira

Resumen

La Articulación Nacional de las Mujeres Indígenas Guerreras de la Ancestralidad (ANMIGA) reúne mujeres indígenas de todo el territorio nacional brasileiro en torno de cosmovisiones y cosmoprácticas semejantes, que permean los objetivos en común de resignificar las relaciones entre los seres humanos y la naturaleza y sanar a la Madre Tierra, nutriendo una red de resistencia articulada física y virtualmente que ya existía desde hace muchos siglos a través del compartir de saberes ancestrales y sus memórias bioculturales (BARRERA; TOLEDO, 2015). Propongo un acercamiento entre la epistemología feminista negra (HILL COLLINS, 2016) con la epistemología utilizada por la ANMIGA, alcanzando así una mayor articulación entre los movimientos de mujeres indígenas y los movimientos de mujeres negras en Abya Yala, a partir de un análisis proveniente de la “Antropología de la Indignación” (ROCHA, 2014) que coloca sus posiciones subalternizadas como potencias revolucionárias en la sociedad.

Palabras-clave: Mujeres indígenas; Madre Tierra; Memória biocultural; Epistemología feminista negra y indígena; Antropología de la Indignación.

Introdução

Os povos originários têm sofrido diversas violências desde a colonização de Abya Yala¹, devido às suas cosmovisões, línguas, espiritualidades, ainda hoje passam por situações de racismo, inferiorização, invisibilização de suas lutas e resistências, e ainda assim buscam construir formas de resistência a esse sistema de opressões de maneira horizontal e coletiva.

As mulheres indígenas sofrem pela questão racial e cultural em conjunto com a questão de gênero, o que às vezes se entrelaça com opressões de classe, de sexualidade, de regionalidade, de ruralidade, entre outras. Algumas dessas violências que afetam exclusivamente às mulheres são os abusos sexuais,

violência doméstica, feminicídio, violência médica e obstétrica, consequências à saúde reprodutiva decorrente de uso de agrotóxicos e transgênicos – como abortos espontâneos, má formação fetal, contaminação do leite materno, desregulação hormonal, etc. Os índices dessas violências são ainda maiores entre mulheres negras e indígenas que entre as mulheres brancas, o que configura um racismo ambiental.

Atuação da ANMIGA

As indígenas presentes em todo o território brasileiro se organizaram para a conformação da ANMIGA no início do ano de 2021, mas muito antes disso estavam articuladas através de redes de encontros físicos e virtuais, compartilhando a complexidade de suas memórias bioculturais² (BARRERA; TOLEDO. 2015) desde muitos milênios atrás.

Como forma de resistência às violências já mencionadas é que surge a ANMIGA, e por conta da enorme diversidade cultural e linguística que possuem os povos originários ao longo do nosso território, as mulheres decidiram dividir-se em comarcas representativas de cada bioma, de maneira a reconhecer as pluralidades de identidades englobadas pelo termo “indígena”.

As comarcas são formas de organização utilizadas para participação em eventos a nível nacional, assim como o “Março das originárias da terra” – evento que aconteceu online por conta da pandemia de COVID-19 – no qual as mulheres se dividiram em 3 comarcas principais: mulheres árvores (Amazônia), mulheres semente (Mata Atlântica, Caatinga e Pampas) e mulheres Terra (Cerrado e Pantanal).

¹ Nome dado ao nosso continente pelo povo originário Kuna, que significa literalmente “terra madura” ou “terra de sangue”;
² Conjunto de saberes de um povo sobre a diversidade biológica relacionada com a diversidade cultural transmitida oralmente através das gerações.



Fonte: ANMIGA, 2021

É importante destacar a crescente visibilidade das mulheres e dos povos indígenas no geral nas redes sociais, o que rompe os padrões de que os sujeitos indígenas não podem ou não devem utilizar a tecnologia ao seu favor. Em época de pandemia o ambiente virtual tem sido fundamental para manter a união e a comunicação entre os diversos movimentos indígenas e inclusive para a realização do Acampamento Terra Livre (ATL), evento que acontecia anualmente na cidade de Brasília (DF) reunindo indígenas de todo o país, e que nos anos de 2020 e 2021 ocorreu de forma virtual através das redes sociais da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), a internet tem sido assim uma ferramenta de re-existência para “demarcar as telas e ocupar as redes”, frase emblemática que foi muito repetida durante os ATLs.

O ATL voltou a acontecer presencialmente em 2022 e contou com mais de 7 mil participantes, além de uma programação muito ampla, que em seu 18º aniversário dialogou sobre temas como saúde, economias alternativas, educação indígena e cotas, povos isolados e de recente contato, demarcação

territorial, indígenas na política, indígenas LGBTQIA+ e alianças entre movimentos sociais, e contou com o apoio de diversos movimentos e instituições como a ONU e o parlamento europeu. Outra questão importante é o fato dessas mulheres se denominarem “guerreiras da ancestralidade” e do evento mencionado anteriormente fazer referência às “originárias da terra” trazendo consigo uma comparação das mulheres com a terra e o território, pois como afirma Yakuy Tupinambá³(2021), o planeta Terra é o útero maior que nos deu vida. Mulheres nativas de outros países do nosso continente também possuem essa visão, como por exemplo as mulheres pertencentes ao Feminismo Comunitário na Guatemala, que cunharam o termo “corpo-território”, ao referir-se a uma impossibilidade de separar o corpo da mulher (e dos povos originários no geral) de seus territórios, já que ambos se influenciam diretamente.

Na página oficial da ANMIGA também podemos encontrar referências a essa concepção, como por exemplo, na aba de descrição das participantes do movimento, denominada “Quem somos?”, onde encontramos o seguinte fragmento: “Sabemos que a raiz do Brasil vem de nós, do útero da Terra e de nossas ancestrais. A Mãe do Brasil é Indígena”, e na autodenominação como um coletivo de “Mulheres terra, mulheres água, mulheres biomas, mulheres espiritualidade, mulheres árvores, mulheres raiz, mulheres sementes e não mulheres somente, guerreiras da ancestralidade”.

Além disso, foi disponibilizada no site uma linha do tempo com as principais datas que marcaram a organização e a luta histórica das mulheres indígenas no Brasil:

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cPmUk3WKD54&ab_channel=TVTamuya> Acesso em 12 de abr. de 2021.

Tabela 1: Linha do tempo da organização de mulheres indígenas no Brasil

1884	<p>Criação da primeira organização indígena de mulheres registrado publicamente. Associação de Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro.</p>
1986	<p>1ª Conferência Nacional da Saúde e dos Direitos das Mulheres (1a CNSDMu) com participação de mulheres indígenas.</p>
1990	<ul style="list-style-type: none">- Baía da Traição/PB elege a primeira mulher indígena Iracy Cassiano como prefeita do município.- Azelene Kaingang, primeira mulher indígena da região Sul a participar nos espaços das Nações Unidas.

Tabela 1: Linha do tempo da organização de mulheres indígenas no Brasil

1994	<p>Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME): Maninha Xukuru Kariri foi a primeira a coordenar a organização, sendo uma das principais impulsoras para criação da articulação.</p>
1995	<p>Criação do Conselho Nacional de Mulheres Indígenas (CONAMI).</p>
2004	<p>– 1ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres <i>“A Conferência foi palco de importantes articulações. A primeira a ser considerada refere-se à Aliança de Parentesco Afro-Indígena. Foi um momento de grande emoção na Plenária final a leitura do pacto entre estas ‘irmãs’ que se uniram em torno de propostas de diretrizes comuns às indígenas e às negras. Durante a votação das propostas finais, essas guerreiras sentaram-se lado a lado. Juntas aprovaram questões para que fossem consideradas as diferenças culturais dos povos indígenas e reparados os crimes relacionados à escravidão da população”.</i></p>
2006	<p>Lei 11.340/2006 – Maria da Penha – considerada importante conquista no combate à violência doméstica e familiar contra as mulheres.</p>

Fonte: ANMIGA, 2021.

Apesar dessa linha do tempo recente, as participantes desse movimento deixam claro que suas ancestrais sempre estiveram organizadas e que honram e respeitam as lutas passadas:

Nós somos porque nossas ancestrais foram. As mulheres indígenas sempre estiveram presentes nos movimentos: seja em movimentos mais locais no chão do território ou a nível nacional. Mulheres nas comunidades: parteiras, remedeiras, pajés, lideranças e cacicas. (ANMIGA, 2021)

Epistemologias interseccionais

Patrícia Hill Collins (2016) propõe uma Epistemologia feminista negra através de 4 princípios: **a experiência vivida como critério de significação, o uso do diálogo, a ética da responsabilidade pessoal e a ética do cuidado** à qual Camila Daniel (2019) acrescenta um 5º princípio, o de **autocuidado**. Apesar de ter sido pensada por e para mulheres negras, essa epistemologia pode servir também para descrever as experiências e vivências de mulheres indígenas, especialmente ao reconhecer a importância do autocuidado e do cuidado comunitário, prática ancestral comum entre as mulheres indígenas assim como entre as mulheres negras.

Podemos observar claramente que as mulheres da ANMIGA se baseiam em suas próprias vivências e sentipensares (FALS-BORDA, 1986) para construir significados individuais e coletivos para essas experiências, ao mesmo tempo em que propõem um diálogo com os outros setores da sociedade brasileira pedindo pelo reconhecimento de seus direitos constitucionais, especialmente o respeito às suas identidades e a demarcação de seus territórios.

A ética da responsabilidade e do cuidado se fusionam à maneira que essas mulheres, em suas cosmopráticas cotidianas se responsabilizam por ações e pelo diálogo intercultural e interepistemológico que têm como fim curar a Mãe Terra, assim elas também estabelecem relações de cuidado comunitariamente entre si mesmas e com a terra, o que desde suas cosmovisões também se traduz em um autocuidado, já que para elas as mulheres e a terra são uma só.

Nós, Mulheres Indígenas, também somos a Terra, pois a Terra se faz em nós. Pela força do canto, nos conectamos por todos os cantos, onde se fazem presente os encantos, que são nossas ancestrais. A Terra é irmã, é filha, é tia, é mãe, é avó, é útero, é alimento, é a cura do mundo. (ANMIGA, 2021)

Outro aspecto possível de se observar na atuação da epistemologia utilizada pelas mulheres da ANMIGA é a força da oralidade, que transmite a memória biocultural dos e das ancestrais de maneira praticamente intacta através do tempo, por meio de histórias, mitos, cantos, e algumas outras dinâmicas culturais não orais como danças, rituais, grafismos, etc, sem a necessidade de escrita alfabética. No entanto, o registro escrito desses pensamentos e saberes é utilizado mais como uma técnica que permite maior amplitude de divulgação e acesso aos não-indígenas, ou seja, como uma ferramenta de diálogo.

Segundo Luciane Rocha (2014), os indivíduos subalternizados e inferiorizados são os que carregam consigo maior potência revolucionária para gerar transformações sociais, a autora nomeia essa teoria como a Antropologia do ultraje, que se baseia na mudança através das emoções e dos sentimentos dos ultrajados. Reforço então que as diversas identidades de mulheres indígenas no Brasil e no mundo, assim como das mulheres negras, configuram uma força revolucionária que cada vez mais está se organizando e produzindo mudanças em suas respectivas sociedades, em âmbito especialmente ecológico, mas também social, cultural, de gênero e de classe, e por isso é de extrema importância a comunicação e articulação entre esses setores.

Essa articulação entre as mulheres negras e as mulheres indígenas já existe, e isso se dá por conta de interesses comuns, principalmente relacionados à agroecologia e o cuidado da terra, que é tema de diversas oficinas do Movimento dos(as) trabalhadores(as) sem terra (MST), da Via Campesina e da Associação Nacional de Agroecologia (ANA), por exemplo, sendo que esta última está planejando para 2022 a realização do I Encontro Nacional de mulheres negras, indígenas e quilombolas da Agroecologia. Além disso, em outros países de Abya Yala existem articulações nacionais que unem as lutas das mulheres negras e indígenas, indígenas e camponesas, ou até mesmo os 3 setores, como é o caso da Asociación Nacional de Mujeres Campesinas, Negras e Indígenas de Colombia (ANMUCIC), ademais de encontros periódicos como o Encontro de Mulheres Afro-ameríndias e Caribenhas.

Imagem 2: VIII Encontro de Mulheres Afro-ameríndias e caribenhas



Fonte: O chefão da notícia, 2019

Considerações finais

Dessa maneira, a epistemologia feminista negra é também a epistemologia subversiva utilizada pelas redes ancestrais de mulheres indígenas no nosso continente, o que permite uma aproximação epistemológica entre os povos indígenas e os povos negros em Abya Yala e suas memórias bioculturais, especialmente em questões relativas ao feminismo interseccional e aos movimentos de mulheres em geral, o que pode aprofundar os processos de ressignificação de suas identidades que foram subalternizadas nas sociedades ocidentais, produzindo e nutrindo a re-existência dos povos e especialmente das mulheres, que foram e ainda são invisibilizadas tanto nos debates acadêmicos quanto no imaginário colonizado da população.

Para concluir, reafirmo a posição das mulheres indígenas como agentes provocadoras de mudanças nas estruturas sociais atuais, principalmente do capitalismo e do agronegócio monocultor, transgênico, genocida e ecocida, pois assim como afirma

Vivian Camacho (2020), médica e parteira quechua em uma live denominada "Salud para vivir bien", transmitida através do Facebook da página "Feminismo Comunitario Antipatriarcal"⁴:

La diversidad humana es parte de la sobrevivencia para nuestra especie, por ejemplo, cuando hablamos de una monocultura, imagínense un monocultivo de soya gigante, plano, ahí tienes que echar todo tipo de venenos y no crece nada más, envenenas el aire, el agua, la tierra y solo crece el veneno transgénico. Pero en cambio, si vemos una diversificación de cultivos, cultivos asociados de plantas de diferentes especies que se cuidan, que se acompañan, plantas con flores, con tubérculos, que están creciendo juntas, ayudan a los polinizadores, cuidan la tierra, nutren el suelo, se cuidan entre ellas, y lo propio con la diversidad de nuestros conocimientos. (CAMACHO, Vivian. 2020)⁵

⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/feminismo.comunitario.Antipatriarcal/videos/988783771585298>> Acesso em 13 de abr. de 2021.

⁵ Tradução nossa: A diversidade humana é parte da sobrevivência para nossa espécie, por exemplo, quando falamos de uma monocultura, imagine um monocultivo de soja gigante, plano, aí você tem que colocar todo tipo de venenos e não cresce mais nada, envenena o ar, a água, a terra, e só cresce o veneno transgênico. Mas ao contrário, se vemos uma diversificação de cultivos, cultivos associados de plantas de diferentes espécies que se cuidam, que se acompanham, plantas com flores, com tubérculos, que estão crescendo juntas, ajudam os polinizadores, cuidam da terra, nutrem o solo, se cuidam entre elas, e o mesmo com a diversidade de nossos conhecimentos.

Referências

A Retomada de Identidade Étnica Curando as Feridas do Nosso Ser. TV Tamuya. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cPmUk3WKD54&ab_channel=TVTamuya> Acesso em 12 de abr. de 2021.

ALEAM recebe 8º Encontro de Mulheres Afro-ameríndias e Caribenhas. O Chefão da notícia. Disponível em: <<https://www.ochefaodanoticia.com.-br/2019/07/aleam-recebe-8-encontro-de-mulheres.html>> Acesso em: 23 de abr. de 2021.

ANMIGA - Mulheres Indígenas. 2021. Disponível em: <<https://anmiga.org/>> . Acesso em: 09 de abr. de 2021.

ASOCIACIÓN Nacional de Mujeres Campesinas Negras e Indígenas de Colombia (ANMUCIC). Unidad de victimas. Disponível em: <<https://www.unidadvictimas.gov.co/es/asociacion-nacional-de-mujeres-campesinas-negras-e-indigenas-de-colombia-anmucic/37218>> Acesso em: 23 de abr. de 2021.

BARRERA, Narciso Bassols; TOLEDO, Víctor M. A memória biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais. Editora Expressão Popular. São Paulo. 2015.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia Feminista Negra. In: Joaze Bernardino-Costa; Nelson Maldonado-Torres; Ramos Grosfoguel (orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 139-170.

CRENSHAW, Kimberlé W. (1989), "Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics". University of Chicago Legal Forum, pp. 139-167.

DANIEL, Camila. "MORENA": A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA CONTRA O RACISMO NO TRABALHO DE CAMPO. v. 6 n. 16 (2019): Edição Especial: Epistemologias e Feminismos negros.

EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. 200p. Rio de Janeiro: Pallas. 2017.

FALS-BORDA, Orlando. Mompoxy y la loba: De retorno a la madre tierra. Editado por: Carlos Valencia, Bogotá: Universidad Nacional. 1986.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na Cultura Brasileira. In: Rev. Ciências Sociais Hoje, Brasília: ANPOCS, v. 2, p.223-244, 1983.

ROCHA, Luciane de Oliveira. Maternidade Ultrajada: Reflexões sobre o ativismo de mães negras e o uso de emoções na Pesquisa Ativista. *Anthropologica* [online]. 2018, vol.36, n.41, pp.35-56. ISSN 0254-9212.

SALUD para vivir bien. Feminismo Comunitario Antipatriarcal. Disponível em: <<https://www.facebook.com/feminismo.comunitario.Antipatriarcal/videos/988783771585298>> Acesso em: 13 de abr. de 2021.

SEM feminismo não há agroecologia. Mídia Ninja. Disponível em: <<https://midia-ninja.org/news/sem-feminismo-nao-ha-agroecologia-mulheres-em-luta-no-08-de-marco-de-2021/?fbclid=IwAR1J7vGSqJs0gnjBBbP-Qr-j325xeaoUfGMsgSRJE5or5otfOfWhfu2LPDDE>> Acesso em: 23 de abr. de 2021.